

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

SET/OUT 81



NÚMERO 4

O DECÁLOGO DO MINISTRO

Pablo R. Gómez

I
NÃO TERÁS AMIGOS ÍNTIMOS ALHEIOS A TUA IGREJA. RECORDA QUE SE QUERES EVITAR QUE OS JOVENS OS TENHAM, DEVES DAR O EXEMPLO.

II
NÃO FARÁS PARA TI UM ÍDOLO DE NENHUM DOS MEMBROS DE TUA IGREJA. NÃO PACTUARÁS COM ELE, DESCULPANDO-LHE OS PECADOS, NEM NA IGREJA, NEM EM SUA CASA, NEM EM SEUS NEGÓCIOS. NÃO MOSTRARÁS PREFERÊNCIA POR ELE NEM O ADULARÁS POR SEUS TALENTOS, PORQUE O SENHOR TEU DEUS TE PÓS PARA REPREENDER O PECADO EM TODOS.

III
NÃO TOMARÁS O NOME DO SENHOR TEU DEUS EM VÃO, E MESMO EM TEUS SERMÕES E ORAÇÕES O PRONUNCIARÁS COM REVERÊNCIA, EVITANDO SUA REPETIÇÃO DESNECESSÁRIA, PORQUE O SENHOR NÃO TERA' POR INOCENTE O QUE TOMAR O SEU NOME EM VÃO.

IV
LEMBRA-TE DO DIA DE REPOUSO, PARA O SANTIFICAR, PREGANDO SERMÕES ESPIRITUAIS E APRESENTANDO SEMPRE O CRUCIFICADO COMO ÚNICO REMÉDIO PARA TODOS OS MALES. SOMENTE DESTA FORMA CONSEGUIRÁS CORRIGIR OS ERROS DOS MEMBROS E INDUZÍ-LOS AO ARREPENDIMENTO.

SEIS DIAS VISITARÁS OS MEMBROS DE TUA IGREJA E NO SÉTIMO LHE'S APRESENTARÁS A PALAVRA DE DEUS, MOSTRANDO-LHE'S QUE O SENHOR FEZ OS CÉUS E A TERRA EM SEIS DIAS DE VINTE E QUATRO HORAS, E AO SÉTIMO DIA DESCANSOU, ABENÇOANDO-O E INSTITUINDO-O COMO DIA DE REPOUSO.

V
HONRA A CADA UM DE TEUS MEMBROS DIANTE DOS OUTROS, E NUNCA FALES MAL DE NENHUM DELES, POIS JESUS MORREU POR TODOS. DE MODO QUE, SE QUERES SER GRANDEMENTE APRECIADO NA IGREJA, DEVES HONRAR A TODOS POR IGUAL.

VI
NÃO MATARÁS COM TUA INDIFFERÊNCIA OS MEMBROS HUMILDES OU SEM TALENTOS DESTACADOS, NEM AQUELES COM OS QUAIS NÃO SIMPATIZAS.

VII
NÃO ADULTERARÁS A PALAVRA DE DEUS MESCLANDO-A COM TEORIAS E ENSINAMENTOS HUMANOS.

VIII
NÃO FURTARÁS A REPUTAÇÃO DO MEMBRO QUE TE HAJA CRITICADO; ANTES PROCURARÁS CORRIGIR-TE SE A SUA CRÍTICA É RAZOÁVEL.

IX
NÃO LEVANTARÁS FALSOS TESTEMUNHO CONTRA NENHUM DOS MEMBROS, EXAGERANDO UM SIMPLES ERRO OU PROCURANDO FAZER QUE PAREÇA SER UM GRAVE PECADO; ANTES SERÁS JUSTO E EQUITATIVO EM TUDO.

X
NÃO COBIÇARÁS A IGREJA DO TEU COLEGA NO MINISTÉRIO, NÃO COBIÇARÁS SEUS TALENTOS, NEM SUA SIMPATIA PESSOAL, NEM SEU DOM DE ADMINISTRAÇÃO, NEM SUA ORATORIA, NEM COISA ALGUMA DELE.

ÍNDICE

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

- 3 O Pregador-Modelo
M. G. Nembhard

ASPECTOS DO MINISTÉRIO

- 1 O Dinheiro do Ponto de Vista Cristão
R. R. Drachenberg
- 5 A Ética do Servo Útil ao Senhor
Dr. Mário Veloso
- 8 A Personalidade do Pastor
Dr. José Angel Fuentes
- 12 Código de Ética Profissional do Obreiro Adventista
Humberto J. Cairus
- 18 O Decálogo do Ministro
Pablo R. Gómez
- 20 Quando se Puser o seu Sol
Rubén Pereyra



ENTREVISTA

- 23 O Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Nº 4 SETEMBRO/OUTUBRO 81

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor C. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pavel Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura Anual:
Cr\$ 250,00
US\$ 4,00

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob nº 899 — P. 209/73

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para

o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.
Capa: Juarez e Sampaio



Editado bimestralmente pela Casa Brasileira, Publicadora Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André, São Paulo
5675

O Pregador - Modelo

M. G. Nembhard

Cada ano gastam-se milhões de dólares projetando novos modelos de automóveis para a indústria deste setor, e os clientes estão dispostos a desfazer-se do modelo antigo para ficar com o novo, a despeito de grande perda financeira, por causa do desejo de possuir o que é mais recente. Os projetistas do vestuário não sabem o que fazer para inventar novos modelos que prendam a atenção dos fregueses. Às vezes os vestidos são longos, outras vezes são curtos ou de comprimento médio, soltos ou justos. Isto não se aplica só às mulheres e moças, mas também aos homens e rapazes. A mobília das casas também sofreu muitas modificações no período de nossa existência. Por exemplo, a velha cadeira de balanço do vovô era uma necessidade em épocas passadas. Hoje é uma relíquia. O modelo para o cristão, porém, nunca é antiquado; e o modelo para o pregador continua sendo o mesmo.

O padrão educacional para ingressar no ministério talvez tenha mudado através dos anos. As organizações atualizaram seus requisitos. O vestuário do pastor pode ter sofrido alterações com o passar dos anos; suas responsabilidades podem variar, mas o modelo espiritual permanece estável para sempre.

Paulo estava tão certo de haver encontrado o modelo correto como pregador, que disse aos crentes coríntios: "Segui meu exemplo, como eu sigo a Cristo." I Cor. 11:1, *The New English Bible*. A tradução de Phillips diz o seguinte: "Imite-me, meu irmão, como eu imito o próprio Cristo." O verso 33 do capítulo 10 está relacionado com o verso

1 do capítulo 11. Diversas traduções começam o capítulo onze com o verso 33 do capítulo dez. Cito este último verso da maneira como aparece em *A Bíblia na Linguagem de Hoje*: "Façam o que eu faço. Eu procuro agradar a todos em tudo que faço, não pensando no meu próprio bem, mas no bem de todos, para que sejam salvos." Em seguida ele faz a declaração: "Sejam então meus imitadores, como também eu sou imitador de Cristo."

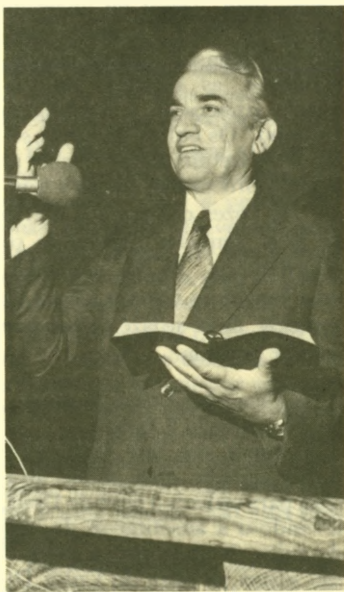
1. O Pregador Como Presidente-Modelo

Ao lidar com os negócios da igreja, o pastor-modelo deve estar inteirado das regras parlamentares, dando lugar a oradores e propostas na ordem certa. Deve ser cortês e bondoso, mesmo sob oposição. Não deve falar de modo insultante quando

os indivíduos discordam de sua posição e idéias. Jesus foi bondoso para Judas, embora conhecesse seu coração maligno. Pedro nos admoesta: "Amem uns aos outros e sejam delicados e humildes uns com os outros." I S. Ped. 3:8. Caso os oficiais da igreja tivessem de seguir o exemplo do pregador, será que ele poderia dizer conscienciosamente como o apóstolo Paulo: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo"? Há ocasiões em que as reuniões se afastam dos regulamentos e mesmo do cristianismo, tornando-se muito agitadas. Talvez se possa dizer que tudo começou com a indelicadeza do presidente.

2. O Pregador Como Expositor-Modelo da Palavra

O mensageiro de Deus deve ser um modelo e exemplo como expositor da Palavra de Deus. Deve revelar esmerada preparação e estudo quando se põe em pé diante de sua congregação. Esta não deve ser levada a dizer: "Eu sabia o que ele iria falar hoje." Seus sermões devem ser recentes, vibrantes e ter a devida duração. Com demasiada frequência, olvidamos que a serva do Senhor nos deu a instrução de que nossos sermões devem ser de 35 a 40 minutos. O pregador deve terminar quando seu auditório deseja ouvir mais, e não quando eles estão enfadados. "Alguns de vossos discursos longos teriam muito melhor efeito sobre as pessoas se os dividísseis em três. . . . Ponde em vosso trabalho todo o entusiasmo que possais." — *Evangelismo*, págs. 176 e 177. Outros apresentam a ficção como verdade, ao passo que muitas vezes os pregadores



De Coração a Coração

da justiça apresentam a verdade como se fosse ficção.

3. O Pregador Como Modelo nos Negócios

O pregador deve ser um modelo de honestidade nos negócios. Convém que pague prontamente suas dívidas honestas. Somos aconselhados a fugir de dívidas como de lepra. A influência do pregador muitas vezes é enfraquecida por suas transações comerciais. Ele deve deixar os assuntos comerciais a cargo de homens de negócios, para que seu nome não seja manchado. Isto também é abrangido pela declaração do apóstolo Paulo de que o pregador deve ter bom testemunho dos de fora. Cumpre que seja respeitado, ao andar pela cidade, por sua prontidão em pagar suas dívidas honestas. No tocante às questões comerciais, a serva do Senhor nos diz o seguinte em *Evangelismo*, pág. 91: "As finanças da causa devem ser devidamente cuidadas por homens que tenham habilidades para o comércio."

4. O Pregador Como Modelo em Seu Lar

O pregador deve ser um modelo em seu lar. É no lar que se conhece a vida de um indivíduo. Às vezes, nem mesmo os membros da família de um pastor desejam ouvi-lo pregar, porque ele não pratica esses princípios em seu lar. O pregador ou ministro deve controlar devidamente o seu lar. Diz o apóstolo Paulo: "Deve ser capaz de governar bem sua própria família, e de fazer que seus filhos o obedeam com todo o respeito." I Tim. 3:4, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

Seu lar deve ser um lugar em que a oração seja um gênero de vida, e onde se observem os cultos matutino e vespertino; um lugar em que os filhos sejam felizes e tenham prazer em participar dos exercícios devocionais. Quando eles saem de casa para ir à escola ou ao colégio, devem ficar contentes, ao chegar as férias, por voltar a esse lar-modelo. Cumpre que ele seja um refúgio para os membros da família do pregador.

Paulo estava tão certo de haver encontrado o modelo correto como pregador, que disse aos crentes coríntios: "Segui meu exemplo, como eu sigo a Cristo." O verdadeiro ministro não somente purifica sua vida uma vez, mas a mantém constantemente limpa.

5. O Pregador Como Modelo de Pontualidade

Há grande desperdício de tempo por parte dos membros quando as pessoas responsáveis pelos cultos não se preocupam com o tempo. O diabo não se preocupa com o tempo, mas o Céu preocupa-se com ele. Quando chegou a plenitude do tempo, Cristo veio. Israel foi libertado no tempo certo. Quando o pregador demonstra que crê na pontualidade, as reuniões da Comissão começarão e terminarão a tempo. Os cultos da igreja serão bem freqüentados porque as pessoas procurarão chegar a tempo. Às vezes cometemos o erro de ficar sentados esperando os retardatários. Se foi anunciada uma reunião e chegou a hora de começar, deve-se fazê-lo logo que houver quórum.

6. O Pregador Como Modelo de Freqüência à Igreja

A época em que vivemos é muito agitada, e há muitas atrações para seduzir o povo de Deus, levando-o a ausentar-se da casa de culto. Numerosos pastores só são vistos na hora do Culto Divino. Mas devem ser um modelo em apoiar os diversos cultos da igreja e tomar parte neles. Con-

vém que sejam como o sal nas diversas atividades da igreja. Devem ser uma inspiração para o Departamento de Ação Missionária, para a Sociedade dos Jovens e para todos os outros departamentos da igreja. Importa que sejam capazes de dizer à congregação que sigam sua atitude nos cultos da igreja, pois não são vistos somente quando o Culto Divino está prestes a começar. Tomam parte ativa em todas as atividades da igreja.

7. O Pregador Como Modelo de Liberalidade

Nenhuma pessoa é convidada a fazer mais contribuições do que o pastor. Ele é convidado a promover o orçamento da igreja, a Escola Sabatina, a Ação Missionária, a Recolta, o fundo de construção da igreja, a Sociedade de Dorcas; e tem de ser um exemplo para o rebanho. Não pode adotar a atitude: "Faça o que eu digo, mas não o que eu faço."

"Quando vejo quanto se poderia fazer em países como este em que agora me encontro, o coração arde dentro de mim para mostrar àqueles que professam ser filhos de Deus quanto dinheiro eles estão esbanjando em roupas, e mobílias caras ou em prazeres egoístas, em excursões de mera satisfação pessoal." — *Evangelismo*, págs. 344 e 345.

O pregador pratica a liberalidade em sua vida, dando um exemplo ao rebanho. Pode testificar com Salomão: "A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado." Prov. 11:24 e 25. Será capaz de testificar que o Senhor cumpre Sua promessa, abrindo as janelas do Céu e derramando bênçãos sem medida sobre a alma liberal.

Se mantivermos estes princípios sempre diante de nós, seremos capazes de dizer com confiança, àqueles com quem entramos em contato, o mesmo que disse o apóstolo Paulo: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo."

O Dinheiro do Ponto de Vista Cristão

R. R. Drachenberg

Vice-Tesoureiro da Associação Geral



Quando Jesus nos ensinou a orar: "Faça-se a Tua vontade", Ele tocou na mais profunda fonte de nosso ser, da qual procedem todas as saídas da vida. O desígnio dessa oração é que os mais íntimos desejos e intuítos do coração de Deus encontrem expressão em nossa própria vida. Muitos de nós confundimos a vontade de Deus com alguma outra coisa: nossos próprios planos e desejos.

Se isto é verdade em outras questões, é-o especialmente no tocante à mordomia. Esta envolve toda a vida — tempo, talentos, tesouros (os três "Ts" da vida) — tudo que temos e somos. Neste artigo restringiremos nossos pensamentos à última dessas partes relevantes: a mordomia de nossos tesouros. Disse alguém: "O dinheiro nada mais é que toda a vida cristalizada em substância tangível que se torna moeda legal com que nos projetamos além dos limites da área circunscrita de nosso movimento pessoal."

O que fazemos com esta vida cristalizada é simplesmente uma questão de vontade. Convém, portanto, que concentremos nossos pensamentos e orações neste assunto, com a finalidade de ob-

ter correta perspectiva de toda a vida.

Para os líderes cristãos, a vontade de Deus é o ponto de partida. Toda indagação acerca de nossa conduta em qualquer aspecto da vida deve centralizar-se na pergunta: "Qual é a vontade de Deus para mim neste assunto?" Nunca resolveremos a questão da mordomia financeira enquanto não o fizermos à luz da vontade de Deus. E não há falta de orientação neste sentido. A Bíblia fala mais vezes de dinheiro do que de salvação.

Em primeiro lugar, Deus ordena que *ganhe*mos dinheiro *honestamente*. Não é pecado ganhar dinheiro. Devemos lembrar-nos, porém, de que é Deus quem nos dá força para adquirirmos riquezas (Deut. 8:18).

Em nossos dias de conflito entre o capital e o trabalho, existe a tendência de encarar com suspeita o ato de ganhar dinheiro. Os capitalistas podem pecar, mas o capitalismo como tal não é pecado. O dinheiro nas mãos certas é uma bênção, não uma desgraça.

Por outro lado, deixar de tirar o máximo proveito das oportunidades é condenado por Deus. Os israelitas não deviam ser re-

missos em sua responsabilidade de tomar a terra de Canaã (Jú. 18:9). A indolência ou preguiça é análoga ao pecado do desperdício (Prov. 18:9). A preguiça é como uma cerca de espinhos que obstrui o caminho para o progresso (Prov. 15:19). Negativamente, o Senhor condena o "servo mau e negligente" (S. Mat. 25:26); positivamente, Ele recomenda que não sejamos "nunca preguiçosos no trabalho" (Rom. 12:11, *O Novo Testamento Vivo*), e, sim "fervorosos de espírito, servindo ao Senhor" em tudo.

Em nosso zelo para acumular riquezas devemos lembrar-nos, porém, de que Deus quer que ganhemos dinheiro *honestamente*.

Em segundo lugar, a vontade de Deus é que *use*mos o *dinheiro de maneira sensata*. O dinheiro ganho honestamente pode ser usado desonestamente. O filho pródigo "dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente" (S. Luc. 15:13). O rico insensato acumulou sua riqueza ao invés de empregá-la no que fosse útil (S. Luc. 12:21). O administrador infiel foi demitido porque "estava a defraudar os... bens" de seu senhor (S. Luc. 16:1).

Em contraste com isso, os servos bons e fiéis usaram sabiamente os bens que lhes foram confiados (S. Mat. 25:23). O desperdício é pecado, e o salário do pecado é a morte.

Em terceiro lugar vem o ponto crucial do assunto: Deus quer que *dediquemos o dinheiro religiosamente*. Sempre que o benigno e generoso Deus nos proporciona mais do que necessitamos para nós mesmos, isso não nos pertence para ser gasto dissolutamente ou acumulado egoisticamente. Torna-se um depósito a ser usado para Sua glória. Qualquer banqueiro nos dirá que um depósito precisa ser muito bem administrado; menos do que isso é um crime. Podemos compreender, portanto, as palavras de Malaquias 3:8 quanto a roubar a Deus. Somos responsáveis por tudo que possuirmos, devendo administrá-lo de acordo com os desejos de seu legítimo Proprietário: Deus (Sal. 50:10). Somos mordomos de tudo na vida, incluindo o nosso dinheiro, e tudo isso deve ser usado para a glória de Deus. Um notável exemplo neste sentido é o do industrial e filantropo R. G. Letourneau. No começo ele dava um décimo para Deus e vivia de nove décimos. Agora ele vive de um décimo e dá nove décimos para Deus. Segundo o conselho de Paulo em I Coríntios 16:1 e em proporção com a vossa capacidade, ide e procedei de igual modo. O dinheiro ganho honestamente e usado sabiamente deve ser dedicado religiosamente a Deus e Sua Causa.

Quando falamos de nossa vontade, é precisamente neste ponto que se desintegra a mordomia da vida; e em parte alguma isso é mais evidente do que com respeito ao nosso tesouro, quer seja grande ou pequeno. Mais do que em qualquer outra parte, a vontade de Deus se perde aqui no labirinto de nossa própria vontade. A vontade pode ser definida como "a disposição de dirigir nossa vida de acordo com determinadas atitudes ou privilégios". Na realidade, ela é "o controle interior de nossa vida". Um bandido, por meio do controle exterior de um revólver, pode tirar

Toda indagação acerca de nossa conduta deve centralizar-se na pergunta: "Qual é a vontade de Deus para mim neste assunto?"

minha carteira. O governo, por meio do controle exterior da lei, pode requerer que eu pague impostos. A economia, por meio do controle exterior da inflação, pode exaurir minhas posses. A Natureza, por meio do controle exterior de calamidades, pode arrebatar meus recursos. Mas unicamente pela utilização apropriada do controle interior ou da vontade é que posso tornar-me um mordomo no sentido religioso. E de acordo com o uso que faço deste controle interior sou bem sucedido ou fracasso como servo de Deus, recebendo assim ou perdendo bênçãos na proporção direta de minha reação à vontade de Deus.

As maiores batalhas da vida não são travadas entre exércitos inimigos, e, sim, nos campos de batalha dos corações. O pecado que assedia a todos nós é a cobiça. A advertência: "Não cobiçarás" (Êxo. 20:17) é básica na lei de Deus. Jesus nos admoesta: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza." S. Luc. 12:15. Paulo nos traz à lembrança que "nenhum... avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus." (Efés. 5:5). A cobiça é uma idolatria pela qual as posses de alguém ou as de outrem se tornam o seu deus.

"O maior pecado que agora existe na igreja é a cobiça. Deus olha com desgarrado para o Seu povo professo por causa do egoísmo da parte deles." — *Testimonies*, vol. 1, pág. 194.

"Viver para si mesmo é perder. A avareza, o desejo de be-

neficiar a si próprio, priva a alma da vida. É de Satanás o espírito de ganhar e atrair para si. De Cristo é o espírito de dar e sacrificar-se em benefício dos outros." — *Parábolas de Jesus*, pág. 259.

"A cobiça, o egoísmo, o amor do dinheiro e o amor do mundo, permeiam todas as fileiras dos observadores do sábado. Estes males estão destruindo o espírito de sacrifício entre o povo de Deus. Os que têm no coração essa cobiça, dela não se apercebem." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 39.

"É o egoísmo o mais forte e mais generalizado dos impulsos humanos; a luta da alma entre a simpatia e a cobiça é uma luta desigual; pois, ao passo que o egoísmo é a paixão mais forte, o amor e a beneficência são freqüentemente os mais fracos, e, em regra, o mal ganha a vitória. Portanto, em nosso trabalho e nas nossas dádivas à Causa de Deus, não é seguro ser dominado pelos sentimentos ou pelo impulso." — *Conselhos Sobre Mordomia*, pág. 25.

"Considerai a quem a oferta é destinada. Essa reflexão banirá a cobiça. Pensai somente no grande amor com que Cristo nos amou, e a mais preciosa oferta parecerá indigna de Sua aceitação." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 563.

"Beneficência constante e abnegada é o remédio que Deus propõe para os ulcerosos pecados do egoísmo e da cobiça. ... Ele ordenou que dar deve tornar-se um hábito, para que possa contrapor-se ao perigoso e enganador pecado da cobiça. *O dar continuamente faz que a cobiça morra de inanição.*" — *O Lar Adventista*, pág. 370. (Grifo acrescentado.)

"Pelo lançamento da semente ao solo, o Salvador representa Seu sacrifício por nós. 'Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer', disse Ele, 'fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto' (S. João 12:24). Unicamente pelo sacrifício de Cristo — a Semente — poderia produzir-se fruto para o reino de Deus. De acordo com a lei do reino vegetal, a vida é o resultado de Sua morte.

"Assim é com todos os que produzem frutos como coobreiros de Cristo: o amor e interesse próprios devem perecer, a vida deve ser lançada nos sulcos da necessidade do mundo. A lei do sacrifício próprio é a lei da preservação de si mesmo. O lavrador conserva o seu grão lançando-o fora, por assim dizer. Semelhantemente, a vida que se dá livremente ao serviço de Deus e do homem, é a que será preservada." — *Educação*, pág. 110.

"[Deus] agrada-Se muito quando Lhe fazem os maiores pedidos, a fim de que Lhe glorifiquem o nome. Podem esperar grandes coisas, se têm fé em Suas promessas." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 642.

Deus não precisa de nosso dinheiro; por que dar, então? "Deus nos dá como se fôssemos reis;

Nós Lhe damos como se Ele fosse um mendigo.

Deus nos deu a melhor dádiva que o Céu podia dar;

Nós Lhe damos aquilo que podemos dispensar."

— Autor Desconhecido.

Quem deu o exemplo de dar? Deus! "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." S. João 3:16.

1. Falando do Israel antigo, diz a Sra. White: "Uma conscienciosa minoria devolvia a Deus *cerca de um terço* de toda a sua renda para benefício dos interesses religiosos e dos pobres." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 546. (Grifo acrescentado.)

2. "Deus não requer menos de Seu povo nestes últimos dias, em sacrifícios e ofertas, do que requeria da nação judaica; até mesmo as viúvas e os órfãos não devem ser indiferentes a Suas bênçãos." — *Testimonies*, vol. 2, pág. 574.

"A liberalidade não nos é tão natural que obtenhamos essa virtude casualmente. Ela precisa ser cultivada. Temos de resolver deliberadamente honrar a Deus

Em nossos dias de conflito entre o capital e o trabalho, existe a tendência de encarar com suspeita o ato de ganhar dinheiro.

com os nossos recursos, e então não devemos permitir que coisa alguma nos tente a privá-Lo dos dízimos e das ofertas que Lhe pertencem. Devemos ser inteligentes, sistemáticos e constantes em nossos atos de caridade aos homens e em nossas manifestações de gratidão a Deus por Suas munificências a nós concedidas. Este dever é demasiado sagrado para ser entregue ao acaso ou controlado pelo impulso ou sentimento." — *Testimonies*, vol. 5, págs. 271 e 272.

"Quando tomamos em nossas mãos o manejo das coisas com que temos de lidar, e confiamos em nossa própria sabedoria quanto ao êxito, chamamos sobre nós um fardo que Deus não nos deu, e estamos a levá-lo sem Sua ajuda. Estamos tomando sobre nós mesmos a responsabilidade que pertence a Deus, pondo-nos, na verdade, assim, em Seu lugar. Podemos bem ter ansiedade e antecipar perigos e perdas; pois isso é certo sobrevir-nos. Mas quando deveras acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai. Então desaparecerão nossas turbacões e tormentos; pois nossa vontade fundir-se-á com a vontade de Deus." — *O Maior Discurso de Cristo*, págs. 100 e 101.

"Deus delineou um plano pelo qual todos podem dar segundo Ele os tem feito prosperar, e que tornará o ato de dar um hábito, sem a espera de apelos especiais. Até que todos cumpram o plano

da doação sistemática, haverá uma falha em corresponder à regra apostólica." — *Testimonies*, vol. 3, pág. 410 (Grifo acrescentado.)

"Eis a recompensa dos que se sacrificam para Deus. Eles recebem *cem vezes mais nesta vida* e herdarão a vida eterna, 'porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.' Foram-me mostrados os que recebem a verdade, mas não a vivem. Eles se apegam aos bens materiais e não se acham dispostos a repartir seus haveres para o avanço da Causa de Deus. Não têm fé para aventurar-se e confiar em Deus. Seu amor a este mundo absorve-lhes a fé. Deus solicita uma parte de seus recursos, mas eles não fazem caso disso. Argumentam que labutaram com afincão para obter o que têm, e que não podem emprestá-lo ao Senhor, pois poderão passar necessidade. Ó homens de pequena fé! O Deus que cuidou de Elias em tempo de fome não desprezará um de Seus abnegados filhos. Aquele que lhes contou os cabelos da cabeça cuidará deles, e serão saciados nos dias de fome. Enquanto os ímpios estiverem perecendo por toda parte ao seu redor, por falta de alimento, seu pão e água serão certos. Os que ainda se apegam ao seu tesouro terrestre e não querem fazer correta distribuição daquilo que lhes é emprestado por Deus, perderão seu tesouro no Céu, perderão a vida eterna. . . . Ele ordenou que os homens sejam Seus instrumentos, e que, tendo sido feito um grande sacrifício para resgatá-los, desempenhem uma parte nesta obra de salvação, efetuando um sacrifício uns pelos outros, revelando assim quanto eles prezam o sacrifício que foi feito em seu favor." — *Idem*, vol. 1, págs. 173 e 174.

Ganhai dinheiro honestamente, em profusão! *Usai sabiamente todo ele! Dedicai-o religiosamente*, até o último centavo! Submetei vossa vontade à vontade de Deus, e ouvireis Sua voz dizer-vos: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor." ❧

A Ética do Servo Útil ao Senhor

Dr. Mário Veloso

Secretário de Campo da Divisão Sul-Americana

As palavras que Paulo escreveu em II Timóteo 2:20-24 foram dirigidas ao Pastor Timóteo, a quem pouco antes se referiu como "obreiro" (II Tim. 2:15). Estes versículos fazem alusão ao instrumento útil ao Senhor (II Tim. 2:21) que também é o servo do Senhor (v. 24). Para que o servo do Senhor Lhe seja útil, deve purificar-se a si mesmo (v. 21). As instruções que Paulo dá a Timóteo acerca dessa purificação constituem os princípios morais e a ética do servo útil ao Senhor.

1. Significado da Palavra "Útil"

O vocábulo "útil" não tem o sentido de "ser usado", que tal palavra adquire nalgumas frases modernas conhecidas. Significa "eficiente". A palavra grega traduzida por "util" (*eujustos*), quando se aplica a coisas, significa que é excelente o que presta serviço. Ao ser aplicada a pessoas, significa "digno, decente, honesto e correto no sentido moral".¹ Expressa um alto grau de eficiência e produtividade, com o qual, segundo Paulo, o servo honra a seu Senhor porque está sempre disposto e preparado para toda boa obra (v. 21).

Portanto, quando Paulo fala do pastor como instrumento útil ou servo do Senhor, refere-se a sua honestidade e retidão moral unidas a um alto grau de eficiência e produtividade em seus trabalhos missionários.

2. O Servo do Senhor Atua Numa "Grande Casa"

No versículo 20, o apóstolo



ARCO CASA

Paulo começa dizendo que "numa grande casa" há utensílios para usos honrosos e utensílios para usos vis.

Há comentaristas que descrevem a "grande casa" como "o sistema completo do cristianismo"² e outros dizem que ela se refere à "professa igreja cristã visível"³. Ellen G. White afirma que "a 'grande casa' representa a Igreja".⁴

Paulo já havia dito a Timóteo que a "casa de Deus", ou seja, "a igreja do Deus vivo", é "coluna e baluarte da verdade" (I Tim. 3:15). Escrevendo aos hebreus ele confirma que nós somos a casa de Cristo, se retivermos a confiança e a esperança (Heb. 3:6). Como numa casa qualquer há utensílios honrosos e utensílios vis, na Igreja também se dá o caso de que pode haver ministros para desonra (II Tim. 2:20), que não se apartam da iniquidade (v. 19), e ministros para honra (v. 20), que aceitaram a Cristo como fundamento de sua própria vida (I Cor. 3:11), a qual é edificada como um templo, para habitação do Espírito de Deus (I Cor. 3:16). Esses ministros que atuam para honra de Deus, como servos úteis ao Senhor, têm uma conduta exemplar (I Tim. 4:12) e, por isso, digna de ser imitada por outros obreiros (II Tim. 3:10).

3. Ele se Mantém Completamente Limpo

O verdadeiro ministro não somente purifica sua vida uma vez, mas a mantém constantemente limpa. O verbo *ekkathairo* signifi-

fica purificar, eliminar, limpar completamente. Os ministros úteis ao Senhor devem purificar completamente sua vida: 1) da influência daqueles que atuam para desonra do Senhor⁵, isto é, devem abandonar toda iniquidade⁶; e 2) devem purificar sua vida dos falsos ensinamentos que desviam da verdade e conduzem à impiedade (II Tim. 2:16). "Ele não deve aceitar teorias que, sendo recebidas, conduzem à corrupção. A si mesmo deve purificar-se de todo sentimento alheio à justiça, os quais, ao serem acalentados, desviam as pessoas da segura Palavra de Deus para instáveis invenções humanas, para a degradação e para a corrupção."⁷

Impiedade, iniquidade, degradação e corrupção são termos que descrevem uma situação de imoralidade.

A impiedade (*asebeia*) é o contrário da piedade, sendo portanto desconhecimento de Deus através de uma vida separada dEle (Rom. 1:18 e 19) e unida aos desejos mundanos (Tito 2:12). Os desejos mundanos abrangem a soberba da vida e a concupiscência da carne (I S. João 2:16 e 17). Os desejos carnis equivalem à intemperança.⁸ "A intemperança inflama as paixões e dá livre curso à luxúria."⁹ "Todos os que condescendem com o apetite, que esbanjam as energias físicas, e enfraquecem o poder moral, mais cedo ou mais tarde sentirão a retribuição que segue à transgressão das leis físicas."¹⁰ As conseqüências da impiedade são profundas, abarcan-tes e destruidoras. Ela põe em perigo a sensibilidade moral,¹¹ a força moral,¹² e o poder moral.¹³ Um obreiro imoral não pode ser um servo útil ao Senhor.

A iniquidade (*adikia*) é falta de equidade. É injustiça (Rom. 1:18), e a injustiça é irmã da fornicação (Rom. 1:29). Por isso é o contrário da verdade (I Cor. 13:6), o oposto da justiça (Rom. 3:5) e idêntica ao pecado (I S. João 5:17).

A degradação e a corrupção atacam diretamente a obra do

Escrevendo aos hebreus ele confirma que nós somos a casa de Cristo, se retivermos a confiança e a esperança (Heb. 3:6).

pastor em seus dois objetivos básicos: 1) ensinar as Escrituras e 2) salvar os pecadores. A corrupção induz a "falsar as Escrituras para apoiá-los em sua iniquidade".¹⁴ A degradação de um contribui para a perdição de todos.¹⁵ O servo útil ao Senhor não pode ser corrupto nem degradado.

O pastor, para ser um servo moralmente honesto e correto que cumpre sua missão com eficiência e produtividade, deve estar livre dos sistemas ideológicos ou dos falsos ensinamentos que conduzem ao pecado e ao adultério. Sua ética não pode basear-se na ética situacional, e seus princípios morais não se coadunam com a assim chamada "nova moral".

A ética situacional assenta nos seguintes pilares: 1) Uma determinada situação, 2) dentro da qual o "eu responsável" 3) deve tomar uma decisão moral 4) que somente deve ser regida pelo amor.¹⁶

Dentro dessa ética não existe "o bom" ou o "correto". Em lugar deles colocou-se "o conveniente".¹⁷ A ética situacional só está disposta a aceitar as leis e os preceitos bíblicos no nível de "máximas iluminadoras" que o "eu responsável" utiliza ou rejeita ao decidir algo *numa* situação. O relativismo dos princípios no qual estes não regem a conduta produz uma moral contrária à que Deus revela nas Escrituras Sagradas, sendo, portanto, *antimoral*. Não dissemos *amoral* nem *imoral*. A ética situacional

é pior ainda. É antimoral. Na moral bíblica é Deus quem decide quais são os princípios que devem aplicar-se à conduta do homem. Na ética situacional é o homem quem toma esta decisão, cumprindo as palavras que a serpente dirigiu a Eva: "Serei como Deus", decidindo entre o bem e o mal (Gên. 3:5).

Os princípios da moral bíblica devem ser mantidos e praticados em amor.¹⁸ O pastor, como servo útil a seu Senhor, aceita os princípios morais estabelecidos por Deus em forma de normas para sua vida, e os cumpre em amor. Vive uma vida justa e piedosa (Tito 2:12), obediente e santa (I S. Ped. 1:14 e 15), boa, e por isso, produtora de boas obras (I S. Pedro 2:2). O servo útil a seu Senhor trabalha para a salvação e não para perdição de seus semelhantes. Por esta razão sua vida nada tem que ver com a ética da perdição. (Fil. 3:17-19).

4. Foge das Paixões da Mocidade

Este é um princípio importante na ética de salvação seguida pelo servo útil ao Senhor. Dois termos se destacam neste conselho do apóstolo: "foge" (*feuge*) e "paixões" (*epithumia*). II Tim. 2:22.

Epithumia é um desejo veemente e incontrolado que, por isso, controla a conduta da pessoa que o possui. Por tratar-se de paixões juvenis descontroladas, abrange a ambição do poder, a soberba da vida (I S. João 2:16), o amor das coisas do mundo (I S. João 2:15), as rebeldias e os desejos sensuais (II S. Ped. 2:10). Estas paixões da mocidade indicam novamente uma série de males que destroem o serviço de um ministro. Entre eles se destacam os desejos sensuais que podem destruir completamente a utilidade do pastor, por serem a base do desconhecimento de Deus (I Tess. 4:5), o estímulo da tentação que conduz ao pecado e à morte (S. Tia. 1:14 e 15), e por confirmarem a imoralidade da corrupção (II S. Ped. 1:4).

A única atitude correta diante das paixões da mocidade é fugir

delas. A palavra grega traduzida por "foge" (*feuge*) significa: "escapar de um perigo", "buscar segurança". A integridade moral, a eficiência e a produtividade do servo dependem de sua segurança em Cristo, e esta última será tanto maior quanto mais distante o ministro se encontre das tentações produzidas pela lascívia.

5. *Segue a Justiça, a Fé, o Amor e a Paz*

Visto que o pastor deve manter-se completamente livre da iniquidade, é lógico que o apóstolo dê agora uma instrução positiva, indicando que ele deve seguir a justiça, a fé, o amor e a paz.

A justiça (*dikaosune*) retrata uma condição aceitável diante de Deus e significa integridade, virtude, pureza de vida e retidão de pensamento, sentimento e ação. A justiça é o oposto da iniquidade (Rom. 6:13), do pecado (Rom. 6:16) e da imundícia ou impureza (Rom. 6:19).

A fé (*pistis*) significa confiança, fidelidade, ser digno de confiança, e pode denotar uma atitude da mente ou um modelo de conduta. A fé, como modelo de conduta, denota fidelidade e faz parte da ética do servo útil a seu Senhor. No momento histórico em que o homem não tem fé (S. Luc. 18:8) e em que, como consequência, se perdeu a fidelidade, o ministro deve conservá-las. Uma das fidelidades a Deus que mais tem sido perdida neste tempo é a fidelidade matrimonial. Com as estranhas filosofias da nova moral, que induzem a seguir uma conduta liberada, a fidelidade matrimonial desaparece da vida humana, para permanecer somente como uma recordação de seu passado histórico. O ministro deve conservar a ética da salvação que o mantém fiel a seu Senhor.

O amor (*agape*), nos escritos de Paulo, não "permanece vago" como na ética situacional de Joseph Fletcher.¹⁹ Este amor é especificado no Decálogo e constitui o espírito com que deve ser cumprido cada um dos mandamentos. Não é o amor vazio

Paulo já havia dito a Timóteo que a "casa de Deus", ou seja, "a igreja de Deus vivo", é "coluna e baluarte da verdade."

da ética situacional, mas está repleto de ordens de Deus e se torna vivo nas ações do servo útil ao Senhor.

Esse amor tem que ver com os princípios que regem a vontade e a ação. Por isso, amar a Deus é viver numa relação com Ele como a que existe entre um escravo e seu Senhor (S. Luc. 17:7-10). Também é atender as Suas ordens de modo fiel e obediente (S. Mat. 6:33). Por outro lado, o amor de Deus é a orientação da soberana vontade de Deus para o homem (Rom. 9:13 e 25). Quando se unem a soberania de Deus e a obediência do homem no amor, é produzida uma comunhão *indissolúvel* entre eles (Rom. 8:35; II Cor. 13:11-14). Somente o homem que pertence à comunidade do amor pode ter a fé que opera pelo amor (Gál. 5:6). A permanência nesta comunidade depende da observância dos mandamentos (S. João 15:10), pois quem ama a Cristo guarda Seus mandamentos (S. João 14:15) e aquele que guarda os mandamentos, esse é o que ama a Cristo e será amado pelo Pai e pelo Filho (S. João 14:21). Na ética da salvação, o amor não é um princípio indeterminado, e, sim, claramente especificado no Decálogo. Os Dez Mandamentos foram lei para o Israel antigo, são lei para a comunidade cristã do amor (S. João 14:21; Rom. 8:35) e serão lei para o novo reino de Cristo (S. Tiago 2:8).²⁰

A paz (*eirene*) também faz parte dos princípios éticos que regem a conduta do pastor. A paz,

como princípio ético, rege as relações. Em primeiro lugar, refere-se ao estado de segurança sentido pela alma quando recebeu a salvação em Cristo; mas também encerra um significado comunitário de sentido ético. O valor ético da paz se baseia nos seguintes fatos: 1) Assim como Cristo é nossa justificação (I Cor. 1:30), também é nossa paz (Efés. 2:14). 2) Como a lei específica um modo de vida, a paz também denota um estilo de vida (Rom. 3:10, 12, 17 e 19). 3) A paz está no mesmo nível que a justiça (Rom. 14:17); 4) com ela se serve a Cristo, 5) se agrada a Deus e 6) se obtém aprovação dos homens (Rom. 14:18). 7) A paz rege as relações matrimoniais (I Cor. 7:15 e 16) e as relações entre os cristãos e as relações destes com Deus (Efés. 2:17-19). A ética do servo útil a seu Senhor impõe uma conduta ao pastor que cultive as relações amistosas com os seus semelhantes.²¹

No entanto, estão excluídas todas as relações que, embora pareçam amistosas, envolvem a desobediência a algum dos preceitos divinos. Entre estas podem ser citadas as relações amorosas fora do matrimônio, pois embora pareçam amistosas, destroem a harmonia do matrimônio, separam o pastor da perfeita comunhão com a Igreja e com Deus, conduzem-no à iniquidade e destroem sua própria segurança espiritual interior. Tudo isto elimina sua honestidade e sua retidão moral, destrói sua eficiência e sua produtividade no trabalho missionário, transformando-o finalmente num instrumento vil que desonra a seu Senhor, em vez de ser um instrumento para honra e um servo útil ao Senhor.

6. *Evita Discussões Destruidoras Sobre Doutrina*

Paulo aconselha: "Repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas. Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente." II Tim. 2:23 e 24.

A palavra grega traduzida por "repele" (*paraitou*) tem basicamente dois sentidos no NT. Ambos expressam uma atitude de cortesia sem debilidade, cujo elemento principal é uma clara e firme determinação. O primeiro sentido expressa uma súplica que pede algo (S. Mar. 15:6) ou é usado simplesmente para pedir desculpas (S. Luc. 14:18 e 19). O segundo é usado para manifestar uma rejeição firme que se expressa cortesmente. Este uso aparece no exercício da disciplina eclesiástica (I Tim. 5:11) e quando se executam ações relacionadas com a supervisão da doutrina (I Tim. 4:7; II Tim. 2:23).²²

O pastor que deseja manter sua honestidade e sua retidão moral, aumentando constantemente sua eficiência e sua produtividade, deve rejeitar cortesmente, mas com firmeza, a participação em debates ou disputas que, pela maneira como se realizam,²³ se tornam sem valor.

Em I Timóteo 6:3 o apóstolo Paulo descreve uma dessas disputas doutrinárias em que alguém quer introduzir modificações na doutrina. Tal discussão não deve ser aceita porque seu resultado é destrutivo. Em primeiro lugar, trata-se de uma inovação liberal que, por não concordar com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, passa a negá-las. Em segundo lugar, pretende modificar a doutrina que a Igreja mantém até esse momento. Em terceiro lugar, como a maioria das discussões teológicas, trata-se de uma contenda acerca de palavras. Em quarto lugar, essa contenda não segue a piedade e se realiza com espírito descontente e negativo.

Uma discussão teológica na qual qualquer pastor introduz ensinamentos contra a Igreja e suscita um debate contra seus próprios irmãos revela que está enfatuado, nada entende e que delira (I Tim. 6:4). Ele não é um instrumento para honra, não está santificado, nem é útil ao Senhor (II Tim. 2:21). O pastor que segue a ética do servo útil ao Senhor se purificará dessas atitu-

O caráter tem como base de seu desenvolvimento a soma dos traços fixos e modos habituais de responder ou reagir do indivíduo.

des e não participará de tais discussões. Elas só produzem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas. Corrompem o entendimento e privam da verdade (I Tim. 6:4 e 5). Não poderiam ser incluídas aqui as discussões sobre justificação pela fé, sobre a santificação, sobre o santuário e outras, quando nelas se tomam posições liberais e se insiste em ensinamentos que refletem um espírito de rebeldia contra as autoridades da Igreja?

O servo útil ao Senhor adota uma posição que conserve os ensinamentos do Mestre, e, com cortesia cristã, apresentará suas escusas por não tomar parte em tais discussões. No entanto, estará disposto a participar num estudo da doutrina em que se elimine essa forma negativa junto com suas conseqüências destruidoras e se dê ênfase à verdadeira busca da verdade na revelação, sob o espírito do amor e da paz, como elementos integrantes da ética da salvação que ele segue e a que obedece.

Resumindo, a conduta do pastor não é regida por princípios decididos por ele, nem tem como objetivo a satisfação de seus próprios desejos ou impulsos. Tampouco depende das circunstâncias, nem das impressões de uma ética sem normas. Ele está comprometido com Cristo como um servo está comprometido com seu Senhor. Em sua conduta a vontade de Deus é soberana. O pastor sabe que sua honestidade, sua retidão, sua eficiência e sua produtividade na

missão que Cristo lhe confiou dependem de sua vida moral. Portanto, será regido pela ética da salvação para manter-se constantemente livre de qualquer tipo de imoralidade, e das paixões da mocidade; para seguir a justiça, a fidelidade, o amor e a paz; e para desvincular-se de toda discussão negativa sobre doutrina, cujo objetivo não é tanto a busca da verdade como a crítica da Igreja e suas autoridades. Ele vive tendo em mente um só objetivo: ser um servo útil ao Senhor; consagrar a Seu serviço tudo que deseja, tudo que aspira e todo o seu ser, porque sabe que qualquer desvio da moral bíblica destrói sua eficiência e sua produtividade na obra do Senhor. ❧

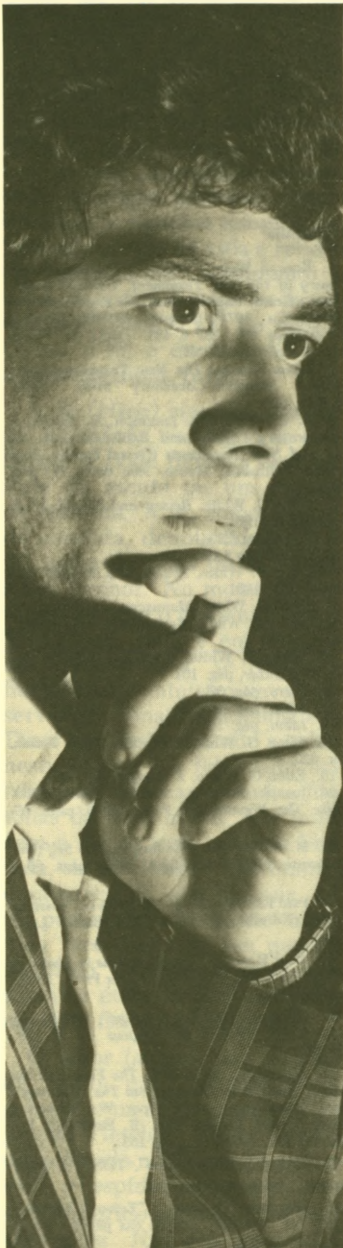
Bibliografia

1. Konrad Weiss, "Jrestos", *Theological Dictionary of the New Testament*, Gerhard Kittel, editor (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974), IX, págs. 483-492. Citações das páginas 483, 487 e 488. Daqui em diante será citado como TDNT.
2. Adam Clarke, *The New Testament* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1832), VI, pág. 631.
3. A. R. Fausset, R. Jamieson, D. Brown, *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, sem data), II, pág. 425.
4. Ellen G. White, *Review and Herald*, 28 de fevereiro de 1901.
5. I Timóteo 2:20.
6. II Timóteo 2:19.
7. Ellen G. White, *Review and Herald*, 5 de fevereiro de 1901.
8. Ellen G. White, *Manuscrito 74*, 1903.
9. Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 4, pág. 31.
10. Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 161.
11. *Idem*, pág. 32.
12. *Idem*, pág. 163.
13. *Idem*, pág. 161.
14. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 623.
15. Ellen G. White, *Educação*, pág. 238.
16. Joseph Fletcher, *Situation Ethics* (Filadélfia: The Westminster Press, 1967), págs. 26-33.
17. H. R. Niebuhr, *The Responsible Self* (Nova Iorque: Harper and Row, 1963), págs. 60 e 61.
18. Paul Ramsey, *Deeds and Rules in Christian Ethics* (Edimburgo: Oiver and Boyd, Ltd., 1966).
19. Paul Hesselert, *New Directions in Theology Today* (Filadélfia: The Westminster Press, 1967), V, pág. 158.
20. Ethelbert Stauffer, "Agape", TDNT, I, págs. 21-55, citações das páginas 44, 45, 49, 50 e 52.
21. Newport J. D. White, *The First and Second Epistles to Timothy*, em *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976), IV, pág. 168.
22. Gustav Stählin, "Aiteo", TDNT, I, págs. 191-195, citação da página 195.
23. Heinrich Greeven, "Zeteo, Zetesis", TDNT, II, 892-896. Citação das páginas 893 e 894.

A Personalidade do Pastor

Dr. José A. Fuentes

Professor de Saúde, Universidade Loma Linda.



Levareis aproximadamente 20 minutos para ler este artigo. Ele não é um postulado científico saturado de raciocínios abstratos; antes é a descrição experiencial e prática de como saber quando nossa personalidade está em desarmonia com a realidade imediata (a vida presente) e especialmente com a mediata (eterna).

Nos escritos do Espírito de Profecia lemos que “dia a dia, estais edificando caráter para o tempo e a eternidade”.¹ Visto que personalidade e caráter são, em certa medida, a mesma coisa, é importante interessar-se por saber qual é sua origem, estrutura e função. Se a experiência é um prenúncio do que sucederá, bom número dos leitores descobrirão, ao ler este artigo, que:

1. Não tinham uma idéia bem clara do que, em si, é o caráter e a personalidade.

2. Não sabiam fazer distinção entre caráter, personalidade e temperamento.

3. Não concebiam a idéia de que, em mais de uma ocasião, a “transformação” de alguns aspectos do caráter não ocorre necessariamente na igreja ou de joelhos, ao lado de uma cama.

4. A cognição ampla deste interessante tema e das soluções que oferece pode servir para extinguir para sempre os sentimentos de culpabilidade que surgem quando não podem deixar de funcionar em forma grata e doce perante os de fora, ao passo que nos círculos íntimos e com os familiares eles se conduzem de modo censurável.

Para entender devidamente este importante assunto da personalidade e do caráter, precisamos de uma definição destes termos, e também do vocábulo “temperamento”, que tem estreita relação com as funções e os atos de nossa personalidade e caráter.

Personalidade é definida como “a forma característica em que uma pessoa se conduz; o

padrão de conduta profundamente gravado que uma pessoa desenvolve, tanto consciente como inconscientemente, como também seu estilo de vida ou maneira de ser ao adaptar-se a seu ambiente.”²

(Cumpra notar que cada disciplina tem uma definição um tanto diferente do que é personalidade. Como a maioria dessas definições são acentuadamente ontológicas, escolhemos a definição que reúne elementos comuns a todas as ciências e que servem de orientação a este artigo. Assim, a definição de personalidade, como as de temperamento e caráter, assumem a conotação clínica que adquirem em psicologia e psiquiatria. À guisa de ilustração, diremos que a antropologia define a personalidade tomando como base a adaptação do indivíduo aos valores centrais e universais de sua cultura.)³

Temperamento é a combinação de traços inatos que afetam subconscientemente a conduta do indivíduo. Visto que estes traços ou característicos estão organizados em forma de genética, com base na nacionalidade, raça, sexo e outros fatores hereditários, o temperamento de uma pessoa é tão difícil de ser predito como as medidas do corpo, a cor dos olhos ou da pele, etc.

O *caráter* é o que poderíamos chamar de temperamento natural do indivíduo, com as modificações produzidas pela criação, pela educação e também pelas atitudes, crenças, princípios e motivações.⁴ Isto indica que o ambiente — cultural, social ou religioso — no qual nos desenvolvemos, também exerce uma influência (positiva ou negativa) na formação e orientação de nosso caráter.

É significativo que Ellen G. White disse isto muito antes que os cientistas pudessem descrevê-lo dessa maneira. “O poder mental e moral que Deus nos tem dado não constitui o caráter. Estes são talentos que nós temos que aperfeiçoar e que, se forem devidamente aperfeiçoados, formarão um caráter adequado ou correto. Um homem pode ter na mão uma preciosa semente; essa

semente não é, porém, uma horta. A semente tem de ser plantada antes que se converta numa árvore. A mente é o jardim; o caráter é o fruto. Deus nos deu as nossas faculdades para que as cultivemos e desenvolvamos. Nosso próprio procedimento determina nosso caráter.”⁵

Visto que este artigo recebe principalmente uma orientação

O verdadeiro ministro não somente purifica sua vida uma vez, mas a mantém constantemente limpa.

clínica, vejamos a distinção que a psiquiatria faz entre os termos caráter e personalidade. “Os vocábulos caráter e personalidade se referem ambos ao conjunto das características de conduta básicas e distintivas do indivíduo e podem ser utilizados de modo intercambiável.”⁶ E então é acrescentada uma declaração que lança luz sobre a distinção que temos de fazer entre esses dois termos de acordo com a função que exercem: “O primeiro [caráter] é mais usado para designar o que um indivíduo é na realidade, ao passo que o segundo [personalidade] implica o que parece ser para os outros.”⁷

Esta é uma distinção muito significativa, pois em geral as pessoas nos julgam pela personalidade, ou seja, pelo que “parecemos ser”. No entanto, “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”.⁸ “O ‘coração’ diz respeito ao intelecto, às inclinações e à vontade.”⁹ Como podemos notar, Deus vê mais além dessa capa de santidade e se interessa pelo caráter, pelo que somos na realidade. Ellen G. White o expressa numa linguagem mais determinante ainda quando nos diz que a aparência não é uma evidência positiva do caráter.¹⁰

Personalidade, então, em certa medida, é uma adaptação ao ambiente em que vivemos; é uma expressão exterior do que somos, e não necessariamente uma expressão real do que somos. Caráter, por outro lado, é a expressão do que somos realmente. Amiúde nos encontramos com pessoas que encobrem ou escondem, detrás de uma “personalidade” (fachada) prazenteira, um caráter débil e enfermiço. Indivíduo genuíno é aquele que mantém uma relação muito estreita entre a personalidade (conduta *overt*) e o caráter (conduta *covert*). Cumpra notar que uma pessoa pode ser genuína (ter uma relação estreita entre sua personalidade e seu caráter) e ter mau caráter (isto é, mau caráter e má personalidade, pois não esconde ou controla seu gênio). Essa atitude é a que comumente designamos como “mau temperamento”, e se não for controlado, especialmente durante a formação do indivíduo, o mau temperamento conspira contra a formação do caráter. Ellen G. White o expressou desta maneira: “Todo ato da vida, por mais insignificante, tem sua influência na formação do caráter. Um caráter bem formado é mais precioso que as possessões mundanas; e moldá-lo é a obra mais nobre em que os homens se possam empenhar.”¹¹

Para o cristão que considera esta vida como o laboratório em que Deus nos colocou para purificar a fórmula de nossa existência, o caráter, deve ser revelador descobrir a importância de saber o que em si é o caráter. Este é um assunto de capital importância, pois o caráter é a única coisa que levaremos para a eternidade; portanto, necessitamos saber muito bem *que* é o caráter, *como* se forma e *que podemos fazer* para melhorá-lo.

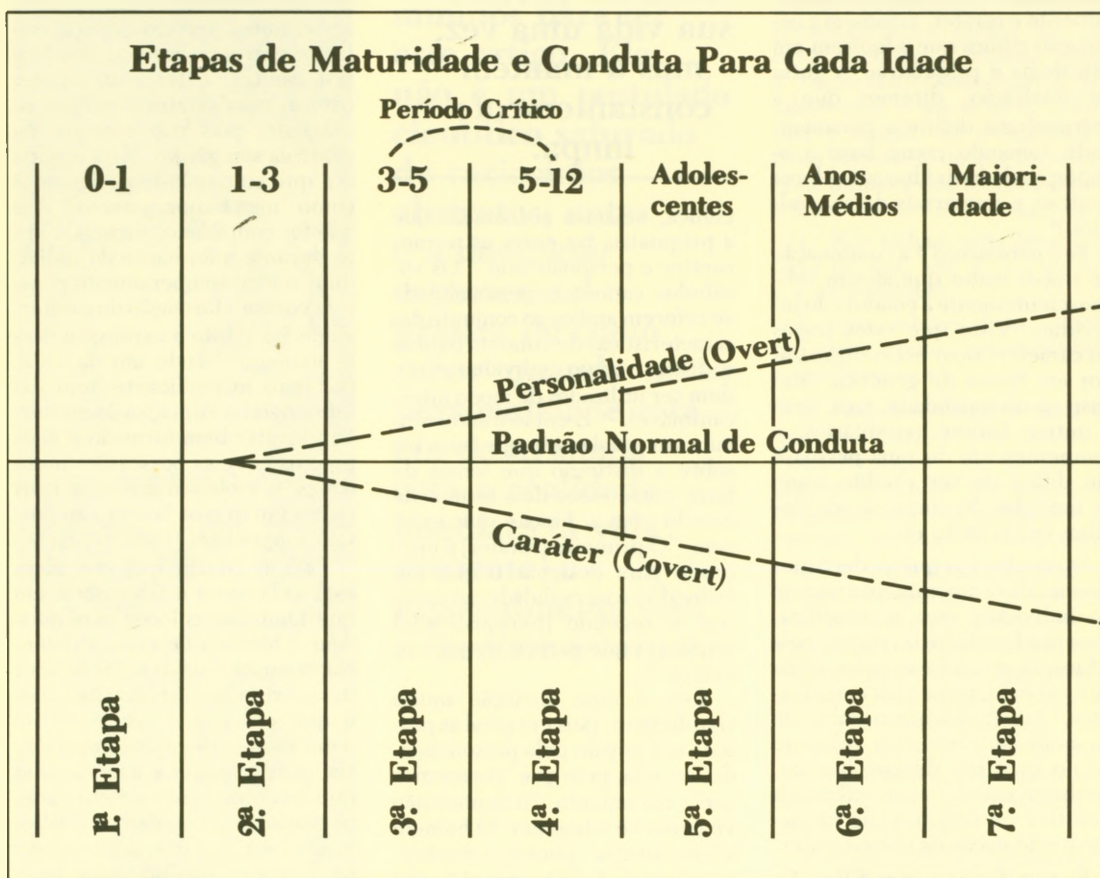
Ao examinar a Figura 1 podemos notar como na primeira etapa da vida (0-1 ano de vida) a criança não faz distinção entre a conduta *overt* e a *covert*. Ela pode fazer suas necessidades nas fraldas ou no chão. Ao passar para a próxima etapa (1-3 anos), a criança aprende a distinguir entre o que pode fazer em público e o que



deve fazer em particular. Mas é na terceira etapa (3-5 anos) em que termina de aprender essa diferença e começa a sentir vergonha quando se equivoca. Entre essa etapa e as seguintes (5-12 anos) vem o que denominaremos *ponto crítico* (assinalado por um arco em linhas pontilhadas). É durante este período que a criança desenvolve a cognição de que há certos aspectos da conduta que são aceitáveis na vida particular, mas não é próprio mostrá-los em público. Se a criança provém de um lar em que o pai ou a mãe,

ou ambos, tem agradável personalidade exterior, mas um caráter enfermigo, ela também aprenderá a fazer este jogo e desenvolverá dois níveis de conduta bem distintos.

Os poucos estudos que se pôde fazer desse fenômeno social indicam claramente que as crianças que crescem num lar assim podem chegar a ter êxito em seu trabalho ou em sua vida social, mas em geral têm dificuldades no matrimônio. O mais significativo, porém, é que também podem ter sérios problemas para



O quadro de crescimento e desenvolvimento do ser humano divide o desenvolvimento físico e emocional do indivíduo em sete etapas. Estas são usadas como base para este artigo. O leitor notará como a influência dos pais no desenvolvimento do caráter de uma criança começa bem cedo na infância. Mas o que aqui é denominado "Período Crítico" (entre a 3ª e 4ª etapas) deve ser cuidadosamente considerado pelo leitor. É a essa altura que a criança aprende a valorizar a importância de uma bela personalidade; é dever dos pais mostrar-lhe que o mais importante é desenvolver um bom caráter.

Notemos como em alguns casos, especialmente quando se deu muita ênfase a melhorar a personalidade, o caráter não somente fica estagnado, mas também perde, como os anos, algo do estado ou condição original. Por outro lado, quando se dá ênfase ao desenvolvimento de um bom caráter, a personalidade também se beneficia.

Se levamos em conta que a personalidade só nos serve para ser aceitos nesta vida (60 a 100 anos), se torna mais notória a importância de desenvolver o caráter, o qual nos acompanhará por toda a eternidade.

manter estreita e significativa relação com Deus. Melhorar o caráter — mais do que para os outros — é uma luta constante e algo penoso para elas.

Como se Desenvolve a Personalidade?

Idealmente a personalidade e o caráter deveriam formar-se e desenvolver-se de modo paralelo. Desafortunadamente, muitos indivíduos — e nós ministros não somos uma exceção — bem cedo na vida começam a desenvolver uma “personalidade profissional” altamente aceitável e funcional que os ajuda a abrir caminho. O problema consiste em que, quando se dá muita ênfase a refinar a personalidade, com frequência se descuida ou se deprecia o caráter.

Quando isto sucede, nossa conduta *overt* (nossa relação com a sociedade em que trabalhamos) se refina ou se ajusta a um grau aceitável e funcional, ao passo que a conduta *covert* (geralmente no lar e outros círculos privados) não evolui muito e com o tempo se torna reprovável. Transforma-se na válvula de escape pela qual o indivíduo dá saída à tensão e às frustrações que absorveu ou interiorizou paciente e mansamente, enquanto “manifestava” uma personalidade aceitável e funcional.

Quando essa conduta artificial é mantida por muito tempo, o indivíduo desenvolve “dupla personalidade”. Preocupou-se tanto por refinar sua personalidade que essa conduta ideal se separou a tal ponto de sua conduta real (caráter) que se tornou muito difícil juntá-las. Esta situação, que comumente chamamos de dupla personalidade ou ambigüidade, nada mais é que a descrição, em linguagem leiga, de um indivíduo que refinou (ajustou ou adaptou) sua personalidade às exigências do ambiente e manteve o caráter sob pressão para deixá-lo expressar-se num ambiente (lar, amigos?) em que sua conduta não o envergonha, tanto ou não tenha em perigo seu trabalho e sua imagem. A pena inspirada expressa-o numa linguagem bem

É mais importante procurar edificar um bom caráter do que uma bela personalidade.

“O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”.

clara ao dizer que o homem amiúde perde de vista o desenvolvimento do caráter em seu interesse por melhorar a aparência exterior.¹²

Lamentavelmente, o espaço e os objetivos atribuídos a este artigo não nos permitem considerar a estreita relação que existe entre a conversão, a santificação e o caráter. Se o fizéssemos, poderíamos notar que muitas vezes nos encontramos com pessoas que sofrem por não poderem controlar ou modificar certos aspectos de seu caráter, apesar de orações e jejuns. A explicação, em numerosos casos, é que certos componentes do caráter são herdados, outros são adquiridos durante o processo da enculturação.*

Como o indivíduo não está consciente das causas ou da origem dessas “debilidades do caráter”, elas escapam a seu controle, e, por motivos que não podemos entender, Deus nem sempre as transforma por meio de um milagre. Quando isto sucede, com a ajuda de um bom clínico podem ser identificados esses aspectos negativos do caráter, auxiliando assim o indivíduo a superar ou corrigir essas deficiências. Um clínico perspicaz poderá descobrir excessos na personalidade e, amiúde, total negligência no desenvolvimento do caráter.

O caráter tem como base de seu desenvolvimento a soma dos traços fixos e modos habituais de responder ou reagir do indivíduo. Assim, se uma pessoa tem

o que comumente chamamos “debilidades de caráter”, que em psiquiatria são denominados “transtornos do caráter”, é muito importante que o paciente o saiba, para que desenvolva sua conduta levando em conta essas deficiências ou limitações. Não sabê-lo afeta consideravelmente sua capacidade de crescimento e maturidade e tornará mais difícil a adaptação ao ambiente. Isto nos leva à pergunta que certamente está na mente de todos os leitores: Que são transtornos do caráter?

Transtornos do Caráter

“Transtornos do caráter são padrões de conduta e de vida fundamentalmente aceitáveis ao indivíduo mas produtores de conflito com os outros.”¹³ Em geral, o indivíduo, por si mesmo, não pode modificar os transtornos do caráter. Estes constituem o resultado de causas que em parte são genéticas ou constitucionais e em parte emocionais ou do desenvolvimento. Referindo-se a todos estes fatores presentes nas crianças, a pena inspirada escreveu: “Elas herdaram o caráter imperfeito dos pais, e a disciplina doméstica não foi de nenhuma eficácia na formação do caráter correto.”¹⁴

Isto no revela que crescemos com eles. Se o indivíduo procura desenvolver uma personalidade aceitável, como por si mesmo não pode modificar seus traços de caráter, uma das primeiras funções será “esconder” ou compensar esses transtornos ou limitações do caráter que não são aceitáveis no meio em que vive ou que não deseja que os outros vejam. No entanto, essas características em geral se “filtram” e até se entrelaçam com a conduta *overt* (personalidade). Em outros casos, o indivíduo tem de compensar as limitações que esse transtorno do caráter ocasiona em sua personalidade, tornando muito difícil a integração** de um ou outro.

A psiquiatria reconhece 12 tipos (classes) de transtornos do caráter: 1) caráter esquizóide, 2) obsessivo-compulsivo, 3) histérico, 4) anti-social, 5) passivo-

Personalidade é definida como “a forma característica em que uma pessoa se conduz; o padrão de conduta profundamente gravado que uma pessoa desenvolve, tanto consciente como inconscientemente, como também seu estilo de vida ou maneira de ser ao adaptar-se a seu ambiente.”

agressivo, 6) masoquista, 7) paranóide, 8) ciclotímico, 9) explosivo (ou epileptóide), 10) astênico, 11) inadequado e 12) emocional instável.¹⁵ A falta de espaço não nos permite definir e explicar cada um. Não obstante, seria bom ler alguma coisa sobre este assunto para descobrir em que medida nossa capacidade profissional e interação social podem ser afetadas por um transtorno do caráter do qual não estamos cientes.

Tratamento dos Transtornos do Caráter

Infelizmente, o indivíduo que tem transtornos do caráter raramente está ciente de seu problema; vive pensando que a culpa “está com os outros”. A explicação, segundo a psiquiatria, se baseia no fato de que “suas vias distorcidas com sua família e com seus companheiros causam mais problemas para os outros do que para eles mesmos”.¹⁶ Em 1881 a serva do Senhor havia antecipado essa descoberta científica: “Dia a dia a estrutura do caráter vai crescendo, embora o seu pos-

suidor não esteja ciente disso.”¹⁷

Noutras palavras, eles percebem os transtornos como “injustiça” ou como problemas que ocorrem fora deles; portanto, é difícil fazer com que sintam necessidade de meios terapêuticos. Em geral, para que seja produzida essa necessidade, o indivíduo tem de ser confrontado com o seu problema. De modo empático mas firme, deve-se fazer com que veja os conflitos que suscita e a necessidade de buscar ajuda para identificar a causa específica, conquanto seja muito provável que ele se sinta totalmente justificado em suas ações e respostas que ocasionam dificuldades. Desafortunadamente, as pessoas com transtornos do caráter têm tão baixa tolerância para com a ansiedade ou o sofrimento que, como resultado da confrontação, ou devido a alguma outra causa, rejeitam a terapêutica. O leigo interpretará este sintoma clínico como “insegurança” ou “falta de maturidade para aceitar a crítica”.

Os pastores que chegam a ter crises por causa desses transtornos, geralmente seguem uma das seguintes vias: 1ª A mais comum: seu caráter tem tanta dificuldade para acomodar-se numa igreja, que depois de muitas transferências, eles acabam indo para uma pequena igreja, mudam de atividade ou saem da obra. 2ª A segunda alternativa pode limitar o impacto que seu transtorno do caráter pode exercer em sua personalidade, desenvolvendo assim uma personalidade funcional que os torna aceitáveis, podendo até alcançar posições administrativas. Primeiro a família e, às vezes, os subalternos sentem o impacto do que é seu verdadeiro caráter. 3ª Por último, seu transtorno pode afetá-los de tal modo que desenvolvem uma porção de sintomas que acabam por manifestar-se numa neurose franca, com diversas conseqüências para sua vida e para sua família. Como podemos ver, os indivíduos que têm transtornos do caráter podem atravessar a vida sem buscar ajuda, levando avante suas funções; e, nesse processo, continuam causando sofrimentos aos

outros e a eles mesmos, sem ter conhecimento de seu problema. Referimo-nos a isto no começo deste artigo, quando dissemos que alguns aspectos do caráter nem sempre podem ser alterados freqüentando a igreja ou orando ao lado da cama.

Em resumo, podemos dizer que os transtornos do caráter se manifestam em forma de desajustes da integração social ou cultural nos acontecimentos específicos de relação com os outros, geralmente aqueles que fazem parte de nosso círculo mais íntimo. Muitos indivíduos, especialmente os que têm alguma orientação religiosa, escondem esses problemas sob uma capa de santidade ou interiorizam sua reação, por ser “próprio” ou “correto” para o cristão. Isto confere uma auréola de superficialidade à personalidade do indivíduo, geralmente perceptível ao olhar clínico; e, se a pessoa está sob pressão, também mostrará o que é na realidade, mesmo aos que não são versados em psicologia.

Como Melhorar a Personalidade do Pastor

Como o leitor poderá notar, gastamos bastante tempo para definir os termos e conceitos relacionados com a personalidade. Também nos esforçamos por descrever as conseqüências patológicas do mau caráter ou personalidade. Explicar como tratar esta “enfermidade” (a psiquiatria aceita esses transtornos como enfermidade com a qual muitos indivíduos aprendem a viver) requereria outro artigo; precisaríamos conhecer de que transtorno do caráter sofre o indivíduo e considerar então o processo para seu tratamento eficaz.

Achamos prudente, portanto, pospor esse assunto e restringir-nos a estimular cada pastor, professor ou dirigente que lê este artigo a dar uma olhada introspectiva e retrospectiva em sua vida, para que nossos defeitos de caráter não debilitem o progresso da obra de Deus.¹⁸ Meticuloso e sincero estudo de nossa conduta *overt* e *covert* nos permitirá ver quanto nos resta fazer em favor de nosso caráter. Re-

consideremos mentalmente como nos conduzimos em público e em particular. Você é alguém que confunde franqueza com grosseria ou falta de sensibilidade? Reage unicamente ao ditame de seus sentimentos, sem importar-se de que esteja ferindo os sentimentos dos outros? É admirado pelos de fora, ao passo que os de dentro se ressentem de sua conduta particular?

No fim deste artigo encontrará um quadro clínico em que se retratam cuidadosamente as qualidades próprias de uma pessoa que está vivendo e refletindo em sua interação social as qualidades e a conduta próprias de uma pessoa amadurecida, que resultam quando um cristão está conseguindo (note que isto é progressivo e constante, não absoluto) uma modificação positiva em sua personalidade e caráter. Se depois de lê-lo julgar que está refletindo em sua conduta diária os conceitos expostos nesse quadro, ajoelhe-se, dê graças a Deus e prossiga no mesmo caminho. Se, porém, sentir que este artigo como que rasgou a cortina da superficialidade com que por anos vinha cobrindo seu verdadeiro caráter, ajoelhe-se e peça perdão a Deus, rogando também que Ele lhe dê forças para reconhecer suas debilidades. Recomeça então a carreira em direção ao alvo da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Seus familiares e amigos ficarão agradecidos e, o que é mais importante, você estará tomando as medidas necessárias para que Cristo sele seu passaporte de entrada no Céu, não com tinta, mas com Seu sangue, que "nos purifica de todo pecado".¹⁹ Afinal de contas, Ele é a única pessoa que pode moldar e modificar a própria base de nosso caráter.²⁰

Crítérios Para Avaliar a Maturidade Emocional

1. *O indivíduo emocionalmente amadurecido aceita suas limitações.*

A pessoa amadurecida tem um senso realista do que pode e não pode fazer. Geralmente está contente por ser a pessoa que é, e aproveita ao máximo

seus talentos e possibilidades.

2. *O indivíduo emocionalmente amadurecido é diligente e produtivo.*

A pessoa amadurecida não se considera uma vítima passiva das circunstâncias, e, sim, como alguém que domina os acontecimentos e modela o ambiente. Encara o seu trabalho como importante meio de expressão pessoal e como auxílio para o seu desenvolvimento. Procura viver da maneira mais cabal e criativa possível.

3. *O indivíduo emocionalmente amadurecido pode renunciar a prazeres de curta duração em troca de objetivos de longa duração.*

A pessoa amadurecida exerce razoável controle sobre seus desejos e emoções. Quando alguma satisfação imediata poderia prejudicar seus planos de longo alcance, ela é capaz de disciplinar-se suficientemente para abandoná-la. Não é, porém, uma pessoa que se controla em demasia. Não deseja nem requer autodisciplina sobre-humana; apenas o suficiente para viver ditosamente.

4. *O indivíduo emocionalmente amadurecido mantém relações satisfatórias com os outros.*

A pessoa amadurecida pode estabelecer diversas espécies de relações com outras pessoas, sem receio ou tensão. Tem amigos onde trabalha. Pode sentir profunda afeição e solicitude pelas pessoas que lhe são chegadas. Vive em harmonia com os outros e encara suas relações como algo que aumenta consideravelmente o valor de sua vida.

5. *O indivíduo emocionalmente amadurecido é flexível sob a tensão.*

A pessoa amadurecida pode adaptar-se a condições cambiantes. Consegue suportar pressões, como trabalhos urgentes e novos métodos de serviço, sem ficar irritada ou frustrada. Quando um aperfeiçoamento recente no âmbito do trabalho torna ineficaz sua atuação costumeira, fazendo com que se sinta insegura e ansiosa, ela não procura lidar com a

insegurança desprezando a inovação e persistindo em sua atuação antiquada. Antes encara a inovação de maneira realista e enfrenta sua insegurança adaptando sua atuação para que novamente se torne eficaz.

6. *O indivíduo emocionalmente amadurecido não é propenso a excessiva preocupação, a dúvidas pessoais irrealistas, nem a devaneios exagerados ou a depressão.*

A pessoa emocionalmente amadurecida não é um super-homem. Quando há boas razões para que se sinta mal, ela sente-se mal. Mas, em geral, não se sente assim sem motivo. Pode ter devaneios em determinadas ocasiões, mas não substitui a realidade da vida por devaneios. Quando um empregado passa demasiado tempo se preocupando ou fazendo castelos no ar, ou se fica tão deprimido que seu trabalho é gravemente prejudicado, sem que haja alguma coisa em seu ambiente atual que justifique esse procedimento, talvez esteja enfrentando graves problemas emocionais. Tal indivíduo deve ser encaminhado a um psicólogo ou a uma clínica psiquiátrica, para tratamento. ☛

* *Enculturação* é o processo pelo qual o ser humano se adapta a sua cultura e aprende a cumprir ou levar a cabo as funções de sua posição e o papel que lhe é designado por essa cultura. — *Dicionário de Antropologia*.

** A organização útil e a incorporação de informações, novas ou antigas, como também de experiências e capacidades emocionais, na personalidade ou caráter.

Bibliografia

1. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 440.
2. *Psychiatric Glossary*.
3. *Culture and Personality*, 2ª ed., A.F.C. Wallace Random House, Nova Iorque, 1961, pág. 8.
4. *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, vol. 1, pág. 650.
5. *Testimonies*, vol. 4, 606.
6. *Manual de Psiquiatria*, F. Salomón e V. Patch, Editorial El Manual Moderno, S.A., México II, D.F., 1976, pág. 299.
7. I Samuel 16:7.
8. *SDA Bible Commentary*, vol. 2, pág. 529.
9. *Testimonies*, vol. 1, pág. 322.
10. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 602.
11. *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 105.
12. *Manual de Psiquiatria*, F. Salomón, pág. 141.
13. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 173.
14. *Manual de Psiquiatria*, págs. 141-145.
15. *Idem*, pág. 145.
16. *Testimonies*, vol. 4, pág. 606.
17. *Idem*, vol. 2, pág. 639.
18. I S. João 1:7, ú.p.
19. *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 279.

Código de Ética Profissional do Obreiro Adventista

Humberto J. Cairus.

“Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito.”
Tito 2:7 e 8.

Fundamentos de sua Ética

1. Ele se comporta, onde quer que trabalhe, como à vista de Deus.
2. É íntegro; suas palavras e trato são o reflexo fiel do que pensa e é.
3. Usa de diplomacia, porém não de politicagem.
4. Enquadra-se na qualificação: “Não de língua dobre.”
5. Não confunde preconceitos com princípios.
6. Seu cristianismo não é um verniz nem um traje; é uma experiência vivida, um caráter modelado segundo o Modelo.
7. Pratica a Regra Áurea em todas as relações humanas.

Relação com a Organização

1. Reconhece que não pode ser leal a Deus e desleal à Sua Obra. Segue as instruções da Organização.
2. Sem medir impedimentos de saúde ou incapacidade manifesta, aceita a responsabilidade e o lugar que lhe é determinado.
3. Sabe que tanto Deus como a Organização esperam resultados. Não procurará cobrir sua falta de produção com uma cortina de escusas, elaborada à base de argumentos. Antes estará disposto a ouvir conselhos.
4. Considera uma honra trabalhar na Obra de Deus. Nenhum cargo ou trabalho lhe parecerá demasiado humilde, se sabe que foi chamado por Deus.
5. Não cria problemas para a organização; antes a ajuda a resolvê-los.
6. É generoso e desprendido. Dá à Obra de Deus seu tempo, suas forças, suas aptidões, seus recursos. Há os que são devidamente aproveitados pela Obra, enquanto outros se aproveitam dela.
7. Cuida mais dos seus deveres do que de seus direitos.
8. Preocupa-se mais com os resultados de seu trabalho do que com o dinheiro que ganha. Os queixosos deviam averiguar o que custa para a Organização cada alma ganha. (Seu salário e gastos, divididos pelo número de almas ganhas.)

Relação com os Dirigentes

1. Tem o devido conceito do que é a Organização e sabe que

ela não pode existir sem dirigentes. Constitui-se num colaborador imediato dos mesmos.

2. Procede com lealdade. Se discorda dos dirigentes, exporá seu ponto de vista com humildade, e se não é tomado em conta, nem por isso nega sua colaboração.

3. Não é adúlador nem servil, mas respeitoso, serviçal, cortês, cumpridor e diligente com respeito às ordens recebidas. *Obreiros Evangélicos*, pág. 486. A diligência consiste em fazer as coisas devidas, no devido tempo e na devida forma.

4. Não cuidará em ressaltar os defeitos e erros dos dirigentes.

5. Sabe que não sobe por classificação, mas pelo chamado de Deus para uma responsabilidade. Não culpa os dirigentes que não lhe dão uma oportunidade.

6. Livra-se da inveja. Sabe que Deus e a Organização guiarão as coisas de tal maneira que possa ocupar o cargo, a responsabilidade e o lugar que mais convenham aos fins da Obra. “A luta pela supremacia manifesta um espírito que, se nutrido, fechará a entrada ao reino de Deus.”

7. Não alimenta amarguras. “Longe de vós toda a amargura.” Efés. 4:31. “Nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados.” Heb. 12:15.

“Regozijai-vos sempre.” I Tess. 5:16.

Relação com os Colegas

1. Colabora com o corpo ministerial, facilitando-lhe o traba-

lho no que possa. "Porque de Deus somos cooperadores." I Cor. 3:9. Deus é o Dirigente supremo. Com diferentes responsabilidades em Sua Obra, nós somos Seus imediatos colaboradores humanos.

2. Alegra-se com o triunfo do companheiro. Não diminui seus méritos dizendo que o campo era mais fácil, maior a ajuda material ou a equipe mais eficiente.

3. Vale-se da emulação no bom sentido e da ambição sadia em sua autodisciplina.

4. Os maiores triunfos do Evangelho serão as razões de seu esforço e do desejo de vencer. Não será movido pelo prazer mórbido de derrotar ou rebair um companheiro; pela satisfação do orgulho pessoal, pelo desejo de galgar posições ou de ganhar mais dinheiro.

5. Trocará idéias, empreenderá propaganda evangelizadora com êxito, usará de métodos frutíferos no evangelismo ou na obra pastoral, etc.

6. Em conversação franca e cristã, remove qualquer dificuldade que possa surgir entre colegas.

"É sempre humilhante ver seus próprios erros apontados. Ninguém deveria tornar a prova mais amarga por desnecessárias censuras. Ninguém já foi conquistado por meio de repreensão; mas muitos têm sido assim alienados, sendo levados a endurecer o coração contra as convicções. Um espírito brando, uma maneira suave e cativante, pode salvar o desviado, e encobrir uma multidão de pecados." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 166.

7. Não pronunciará juízos ou insinuações que minem a confiança que se tenha num colega de ministério.

8. Se tem algo a dizer, o dirá a quem diz respeito, onde e quando for conveniente.

Relação com os Subalternos

1. Proceder com dignidade de chefe, porém com atitude de companheiro.

2. Distribui a tarefa e zela pelo seu cumprimento. Vale-se de sua experiência ou conheci-

mentos para que o auxiliar triunfe. Ensina tanto pela prática e exemplo como pela teoria e preceitos.

3. Não evita as coisas difíceis nem as deixa a cargo do auxiliar.

4. Alegra-se se seu auxiliar o supera. Reprime os ciúmes se a congregação demonstra simpatia para o auxiliar.

5. Atende a opiniões e sugestões. Se as contradiz, o faz com fundamento, e não para demonstrar autoridade.

6. Requererá trabalho e cumprimento dele, porém reconhecerá o dever cumprido e manifestará apreciação por ele.

7. O que exige, o faz mais pelo estímulo do que pela ordem autoritária.

8. Alternará o trabalho árduo com algum esparecimento ou reunião de camaradagem. "Vinde repousar um pouco." S. Mar. 6:31.

9. Compartilha o êxito.

Relação com a Igreja

1. Orienta, instrui e conforta os membros. Não castiga nem exige demais. *Ilustração*: Estando na Palestina, um turista surpreendeu-se ao ver um homem que fustigava o rebanho em vez de conduzi-lo. Ao interrogá-lo, recebeu a seguinte resposta: "Não senhor, eu não sou o pastor. Sou o marchante."

2. Ganha a simpatia e confiança da congregação. Poderá consegui-lo por meio de:

a) Trabalho.

b) Apresentação de alimento espiritual sólido.

c) Ajuda aos irmãos na resolução de seus problemas.

d) Apresentação de resultados positivos.

e) Estudo de psicologia e aplicação sincera e correta dos princípios desta ciência.

3. É cortês sem ser familiar ou frívolo. Ver *Testemunhos Selatos*, vol. 2, págs. 234-244.

4. Abstém-se de todo favoritismo.

5. Exorta e aconselha aquele que pode suportar a prova.

6. Não se desanima com a in-

compreensão ou ingratidão de seus beneficiados.

7. Usa de muita paciência sem desmerecer a dignidade e autoridade pastorais.

8. Adere às normas e princípios que dignificam o caráter e resultam num convite e desafio para os membros alcançarem um nível de vida mais elevado.

9. Não emprega a dureza nem a lisonja.

"Necessita-se de pastores — pastores fiéis — que não lisonjeiam o povo de Deus, nem o tratem com dureza, mas alimentam-no com o pão da vida — homens que sintam diariamente na vida o poder convertedor do Espírito Santo, e que cultivem amor forte e altruísta por aqueles por quem trabalham." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 526.

10. Defende a igreja perante a Organização, e esta perante a igreja.

11. Corrige e admoesta com tato e bondade.

"De pouca utilidade é procurar reformar outros atacando o que podemos considerar maus hábitos. Tais esforços dão muitas vezes em resultado mais dano que bem. Em sua conversa com a samaritana, em lugar de desmerecer o poço de Jacó, Cristo apresentou alguma coisa melhor." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 156.

Relação com seu Lar

1. Ensina ordem, delicadeza, pontualidade e responsabilidade aos membros de sua família.

2. No lar prova-se a idoneidade para o ministério. I Tim. 3:4 e 5. Seu lar serve de modelo a outros lares. Os membros da igreja observam seu lar e seus filhos. A esposa, por estar mais tempo com eles, pode influir mais sobre os filhos que o esposo. Cuida do comportamento dos filhos nas reuniões.

3. É atento e cortês para com a esposa.

4. Auxilia nos cuidados da casa.

5. Realiza passeios com a família.

6. Toma parte em alguma brincadeira com os filhos. 

QUANDO SE PUSER O SEU SOL

Rubén Pereyra

Nós nos preparávamos para cumprir um dos requisitos de uma classe: escrever uma monografia. Uma longa lista de possíveis temas para uma decisão difícil. Um nome, porém, nos prendeu a atenção. Sabíamos que era um dos grandes evangelistas que a Igreja tivera nas décadas de 1930 e 1940. Um segundo fator se acrescentou para fazer-nos tomar a decisão: o protagonista residia a poucos quilômetros da Universidade. A decisão foi tomada: a monografia seria um estudo da vida, do ministério e da filosofia de evangelismo desse idoso ministro do evangelho.

A experiência foi muito mais rica que o mero cumprimento de um requisito do curso de História da Igreja; resultou numa renovação de nosso próprio ministério.

A primeira impressão, no entanto, era desanimadora: Robert Boothby estava muito idoso, sua voz se achava apagada, sua audição era deficiente e sua memória claudicava. Várias horas de amigável conversação nos deram, porém, uma visão da riqueza da experiência desse veterano homem de Deus. Foi necessário buscar a maior parte de sua filosofia do evangelismo nos numerosos artigos publicados nas revistas de seu tempo. No entanto, seu conceito do ministério, da Obra e da Igreja permanecia intato.

— Quais têm sido suas maiores alegrias nos 50 anos de ministério? — perguntamos.

Sua resposta é clara:

— Ver tanta gente querida aceitar a verdade!

Outra pergunta enfocava as experiências negativas vividas.

— Quais foram as maiores dificuldades e frustrações que recorda haver enfrentado em seu ministério?

A resposta é simples:

— Não recorro nada que seja importante.

Em outras palavras, a tarefa é tão excelsa que não há preço demasiado alto a ser pago; não há uma só experiência negativa que mereça ser lembrada.

Boothby tem setenta e nove anos e meio de idade. Vive sozinho. Sua amada esposa, a quem recorda constantemente, faleceu há pouco mais de oito anos, deixando um tremendo vácuo em sua vida.

Enquanto o visitamos, disse o grande gigante:

— Quisera sair novamente e pregar, mas estou ficando velho...

Embora o seu "homem exterior se corrompa, contudo o... homem interior se renova de dia em dia" (II Cor. 4:16).

No ministério hodierno há alguns Jonas e alguns Paulos: o que se seca na amargura e o que se regozija nas bênçãos de uma vida intensamente vivida para Deus e o próximo.

Por que será que há tão poucos patriarcas veneráveis entre as fileiras dos ministros jubilados? — perguntava um secretário ministerial a outro. O ministério não é uma profissão fácil, como não o foi a do profeta nem a do apóstolo, cuja lista inclui inúmeros encarcerados e mártires.

"O ministério cristão, tal como eu o conheço, é uma mescla de alegria e dor. ... A parede que separa a esperança do desespero é muito delgada. Eu opto pela esperança e peço ajuda daqueles que me rodeiam nos momentos de desespero. Prefiro procurar viver e ministrar como se este fosse o primeiro dia do resto de minha vida."¹

Provavelmente o segredo esteja escondido nos anos anteriores à ida ao seminário e na imagem ideal que o jovem formou dos ministros e do ministério. A amizade ou a admiração por algum de seus pastores fez com que formasse uma idéia de um homem santo que anda constan-

temente com Deus, de um ser que entende todas as coisas, que vive somente para servir e que representa a Deus entre os mortais. É o esposo ideal, o pai modelo, o artista do púlpito; aquele que é admirado por todos, que não tem problemas e que sabe usar o poder da oração e da intercessão capazes de solucionar os problemas dos outros. Sua vida é um verdadeiro romance. Há os que abandonam carreiras lucrativas para ingressar nessa vida ideal de um ministro de Deus.

Nalguns casos, porém, acontece com o ministro a mesma coisa que sucede com alguns jovens iludidos com o matrimônio: depois da lua-de-mel, passa-se a lidar com as coisas prosaicas e rotineiras da vida de casado. Desiludidos, alguns perguntam: "É só isto?"

A preparação irrealista dos futuros ministros também pode constituir-se numa causa de frustração. Enfrentar situações reais, na administração, na solução de conflitos em administrar o tempo, ao procurar corresponder às expectativas da congregação, da administração ou dos departamentos das organizações superiores, sem a devida preparação, pode produzir um senso de incompetência e frustração.

Durante um estudo realizado por Revel L. Howe, entre 1.600 pastores de 38 denominações, num período de 7 anos, uma das coisas que mais o impressionaram foi "o contraste entre a certeza que os alunos de Teologia tinham do ministério, e a confusão que os pastores veteranos faziam dele." A razão, segundo Howe, tinha que ver com as expectativas que o ministério suscitava durante o período de preparação para o ministério e as condições reais que depois eram encontradas nas igrejas. Em outras palavras, eles descobrem que o mundo não opera sob as mesmas presupo-

sições, nem é motivado pelas mesmas orientações.

Noutro estudo realizado por Mills, sobre a tensão no ministério, descobriu-se que 42% dos 6.195 períodos de crise declarados por 4.665 ministros ocorreram nos primeiros cinco anos de pastorado, sendo que 25% correspondiam aos dois primeiros anos. Mills estabelece uma "lei" interessante: "O choque que um jovem ministro experimenta em seu primeiro pastorado parece ser inversamente proporcional ao realismo de sua imagem do ministério."²

Ele depara, então, com duas opções: Ou procura ser o que o ministro deve ser, ou modifica seu conceito sobre o ministério. Os resultados de seu ministério dependerão em grande parte do caminho escolhido por ele.

Suponhamos que escolha a primeira alternativa. O ideal é que o ministro seja abnegado, que não busque posições ou cargos na hierarquia da igreja, que considere como seu alvo supremo ser servo de todos, que não viva para si mesmo, mas para enriquecer a outros. Filipenses 2 lhe mostra o exemplo de Cristo, que "a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo". O apóstolo Paulo, o qual deu tudo que era e tinha, e que esteve disposto a gastar-se e deixar-se gastar por amor à Igreja, embora perdendo seu amor ao amá-la cada vez mais (II Cor. 12:15), lhe apresenta a alternativa ideal e o exemplo a ser seguido.

No entanto, outros exemplos da vida diária de colegas no ministério, cujo alvo e ideal é "ascender" dentro da hierarquia, lhe apresentam outra possibilidade. Conquanto alguns, buscando isso, só encontraram frustração, outros se encontram hoje numa posição mais confortável, havendo alcançado seus objetivos. O ministro pergunta então a si mesmo: "Qual atitude é melhor?"

Ao escolher o que é ideal, não poderá ser considerado um fracassado — alguém que nunca conseguiu nada? Este é um dos mais sérios conflitos que um ministro terá de enfrentar. Talvez não consiga o que aspira. Outro

foi nomeado para o departamento, para a administração ou para o pastorado de uma igreja maior, que ele tanto aspirava, deixando-lhe um sabor amargo — o sabor da derrota! Na primeira vez, não será difícil suportá-lo; mas, se a situação persiste, a amargura poderá tornar-se crônica. Se não for vencida, essa atitude levará o ministro a uma aridez que será tão amarga como a aboboreira de Jonas, ao secar-se.

Cumprir lembrar que a linha divisória entre a sã aspiração e a ambição é muito tênue. Não é fácil saber quando se passa do positivo para o negativo. Quando num indivíduo se acha presente o anseio de posição ou domínio, ou se este o alimenta, transforma-se numa fome insaciável. Quando ele alcançou uma posição ou posse que cobiçava, não a desfrutará, pois começará a aspirar a outra mais elevada, repetindo-se o processo, ao ponto de não encontrar depois satisfação em nada. Como a ambição é incompatível com a natureza do ministério, tal ministro se estiola, terminando seus dias de modo obscuro. Por outro lado, o ministro que deixa de preocupar-se com a sua própria posição e cujo anelo e ideal é servir onde quer que esteja, dando tudo que é e tem para ver a Obra avançar; que se identifica plenamente com a Obra; que ama de todo o coração a sua igreja, a seus membros, a seus dirigentes; enfim, que se dedica de corpo e alma àquilo para que foi chamado, viverá um constante romance como ministro. Para ele não haverá injustiças nem humilhações; as "promoções" serão consideradas oportunidades de trabalho, e não honras especiais ou motivos de orgulho. Este é o ministro a quem todos amam e que vive plenamente, apesar dos conflitos normais ou anormais do ministério. Seu ser interior se renova de dia em dia, embora o corpo físico sinta o desgaste dos anos, e assim finalmente se porá o seu sol.

Quais são as normas que o ministro deve seguir para ter um ocaso de patriarca, sendo uma inspiração até o próprio momen-

to em que se puser o sol de sua vida? Enumeremos algumas:

1ª *Busque a eficiência e não o êxito.* Estas duas palavras não expressam o mesmo conceito? Não necessariamente. O ministro pode realizar tarefas que lhe dêem um bom nome perante as autoridades das organizações superiores que podem promovê-lo a cargos de maior categoria. Cumprirá tudo que tende a favorecer-lo perante os outros. Noutras palavras, buscará o êxito em si, para seu próprio benefício.

Aquele que procura eficiência, encarará seu trabalho com uma lente diferente: como a missão de um ministro é servir, seu desejo será servir. Mas o fará desinteressadamente, sem velar por seu próprio benefício; sua satisfação será ver o dever cumprido por amor ao próprio dever, e não por causa dos benefícios que lhe poderá trazer.

É interessante notar que, na obtenção do êxito, o caráter do indivíduo talvez não tenha muito valor, e seus talentos naturais ou cultivados serão suficientes. Na obtenção de eficiência, o caráter tem mais importância do que os talentos. No entanto, a maior influência que um ministro poderá exercer não se baseia em seus talentos, e, sim, em seu caráter e em sua personalidade, especialmente quando refletem o espírito de Cristo.

Se o seu sol se porá entre nuvens ou se continuará brilhando até o final dependerá não tanto do que tenha alcançado por meio de seus talentos, como do que obteve com base em seu caráter cristão. Quando este último não sobressai, provavelmente haverá êxito, mas não necessariamente eficiência. Quando os dois elementos se fundem num só, aparece um ministro que realmente é grande e que sempre será lembrado como um valor para a Igreja. Este pensamento é exposto de diversas formas nas Escrituras: João Batista disse com referência a Cristo: "Convém que Ele cresça e que eu diminua." Paulo sentia prazer "nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias".

Considerava-se forte quando era débil (II Cor. 12:10). Confessava que ao ir à igreja de Corinto não ia atrás dos bens de seus membros, mas procurava *a eles* (V. 14). Quer dizer que não buscava seu próprio benefício. Além disso, a medida com que se media era original: "Porque não ousamos classificar-nos, ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos, e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez." II Cor. 10:12. E conclui dizendo: "Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e, sim, aquele a quem o Senhor louva." V. 18.

Isso não equivale a passividade, desinteresse ou ausência de objetivo. Mas os objetivos não visam ao benefício pessoal, e, sim, à realização dos elevados interesses da obra em que se está empenhado.

Ao pregar um sermão, dois meses antes de ser assassinado, Martin Luther King falou à congregação de sua possível morte, e deu instruções acerca de seus funerais: queria que fossem breves, que não se mencionasse que era Prêmio Nobel nem se fizesse alusão aos mais de duzentos graus honoríficos que havia recebido. Desejava, porém, que se dissesse que dedicara a vida a uma causa que considerava justa, estando disposto a morrer para defendê-la.

Há uma diferença fundamental entre o artista de circo e o ministro. Um é uma estrela que brilha por si mesma; o outro é como a Lua que reflete a luz recebida do Sol. Eis o conselho bíblico: "E procuras tu grandezas? Não as procures." Jer. 45:5. O engrandecimento que procura é o de Cristo e da mensagem, não o seu próprio. Provavelmente o segundo virá como consequência do primeiro.

2ª. *Seja autêntico.* Um dos mais severos conflitos enfrentados por todo ministro é o de procurar apresentar uma imagem exterior diferente da realidade interior. Viver numa "guerra civil" desgasta e rouba as energias de que se necessita para ser um venerável patriarca.

Isso abrange duas áreas diferentes: sua vida interior e seu papel como ministro. As expectativas que a sociedade e a congregação têm do ministro, às vezes são irrealistas e sobre-humanas. As expectativas ideais que ele tem de si mesmo freqüentemente são mais elevadas do que a realidade atingível. Que fazer então? Há três alternativas: apresentar uma máscara exterior que esconda diferente realidade interior; apresentar-se exteriormente tal como se é; buscar a elevação para o ideal.

Por certo, o ideal é a terceira alternativa. Não haverá, porém alguma lógica na segunda? Vejamos. O ministro não necessita apresentar-se diante da congregação e da sociedade como alguém que tudo sabe e tudo pode, mesmo sob a premissa de que é um homem de Deus. Ele ainda é um ser humano e, como tal, tem suas limitações. Um dia poderá pedir que um membro ore por ele. Isso não o rebaixará diante desse leigo, se demonstrar autenticidade. Pelo contrário, porá à sua disposição a tremenda força da oração intercessória da igreja em favor de seus ministros. Não pretenderá ser um super-homem, e, sim, um ser humano com limitações. Isto não significa que poderá permitir-se deslizes ou fraquezas "humanas", e, sim, que não se deve aparentar algo que esteja acima das possibilidades de um ser humano.

Lawrence Richards dá três razões para isso: 1ª. O ministro deve ser um exemplo, não de perfeição, mas de crescimento (ou perfeição de crescimento). 2ª. O evangelho não significa "aceite a Cristo e seja perfeito". Se assim fosse, não haveria necessidade de Cristo durante o resto de nossa vida. "Sem Mim, nada podeis fazer." S. João 15:5. O ministro é um representante desse evangelho de permanente dependência de Cristo. 3ª. O ministro deve ser um modelo com o qual os outros possam identificar-se. Não somente nossos pontos fortes edificam os outros e os ajudam

a ver-se tal como são, mas também nossos pontos fracos (e todos os temos!).³

Nossa constante dependência da ajuda de Cristo será muito mais edificante que o uso de uma máscara de super-homem que não revela o íntimo de nosso ser.

Nosso poder, bem como o deles, está em Cristo.

Essa atitude também nos preparará para enfrentar o ocaso da vida. A máscara um dia cairá, revelando imperfeições. A hipocrisia mata e estagna, ao passo que a sinceridade e a autenticidade conduzem ao progresso e à paz.

Pode-se dizer a mesma coisa do papel profissional do ministro. Há tarefas que cada indivíduo pode realizar com mais eficiência e prazer que outras. No ministério há possibilidades para exercer todos os dons concedidos por Deus. Para ser feliz no ministério e cumprir uma tarefa divinamente bela, não é necessário uma posição hierárquica, e, sim, um espírito dedicado no lugar em que se está.

Todos esses ingredientes combinados preparam o ministro para o seu ocaso. Quem viveu plenamente o romance de sua vocação, viverá com amplas satisfações. Será sempre uma inspiração, chegando ao declinar de suas forças com o amor pela Causa intacto e desfrutando o amor da Igreja em forma plena. Será amado e respeitado.

Ao visitar o cemitério onde está sepultada Naomi Boothby, a esposa de Robert Boothby, encontramos ao lado da lápide que assinala sua tumba, outra similar com o nome desse homem, a data de seu nascimento e um espaço em branco para registrar a data do fim de sua jornada. A morte não é uma ameaça para aquele que não viveu em vão.

Está você, irmão ministro, preparando-se para quando se puser o seu sol? ☞

Bibliografia

1. Harold R. Fray, *The Pain and Joy of Ministry* (Filadélfia: Pilgrim Press, 1972), pág. 121.
2. Donald P. Smith, C. *Leroy in the Cross Fire* (Filadélfia: Westminster Press, 1973), págs. 54 e 55.
3. Lawrence Richards, *A Theology of Christian Education* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Pub. House, 1975), pág. 142.

O Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia

Uma entrevista de Carlos Aeschlimann com o reitor deste Seminário, Dr. Mário Veloso.

P. *Que é e como funciona o Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT)?*

R. O SALT é um seminário teológico que pertence a DSA da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É integrado pelas cinco faculdades de Teologia que até o presente têm funcionado nos cinco Colégios Superiores existentes no território desta Divisão: Educandário Nordeste Adventista (ENA), Instituto Adventista de Ensino (IAE), Centro de Educação Superior Unión (CE SU), Colégio Adventista del Plata (CAP) e Colégio Adventista do Chile (CACH), que passarão a designar-se respectivamente: SALT Sede Brasil Norte, SALT Sede Brasil Sul, SALT Sede Peru, SALT Sede Argentina e SALT Sede Chile.

P. *Qual é a estrutura administrativa do SALT?*

R. *Mesa Administrativa:* O SALT será dirigido por uma Mesa Administrativa permanente, constituída pelos seguintes elementos nomeados pelos cargos que ocupam e os membros rotativos indicados pela Comissão Executiva da DSA:

Presidente: O presidente da DSA.

Vice-presidentes: Os presidentes das Uniãos cujos Colégios oferecem estudos de pós-graduação.

Secretário: O reitor do SALT.

Membros: O tesoureiro da DSA; o secretário da DSA; o diretor de Educação da DSA; o secretário da Associação Ministerial da DSA; o vice-diretor financeiro do SALT; os diretores gerais de Colégios, Sedes de estudos de pós-graduação; os vice-diretores das Sedes de estudos de pós-graduação do SALT; os presidentes das demais Uniãos da DSA; um diretor geral como membro rotativo anual, dentre os Colégios de Graduação; um vice-rei-

tor de Sede como membro rotativo anual, dentre as faculdades de Teologia das Sedes de estudos de graduação do SALT.

Reitor: O SALT será administrado por um Reitor com mandato de cinco anos e nomeado pela Comissão Executiva da DSA em sua primeira reunião plenária depois da Assembléia da Associação Geral. Será recomendado à AG que o nomeie secretário-conselheiro da DSA.

Mesa Administrativa: Em cada Sede do SALT haverá uma Mesa Administrativa cujas decisões só dizem respeito à Sede à qual ela pertence.

Corpo Docente: Será constituído pelo Reitor do SALT e os vice-reitores das Sedes locais, além dos professores de Teologia indicados pelas Mesas Administrativas dos Colégios-sedes e aprovados pela Mesa Administrativa do SALT, e o bibliotecário geral, nomeado pela Mesa Administrativa do SALT.

P. *Que cursos são oferecidos pelo SALT?*

R. O SALT ministrará os cursos autorizados pelo ponto 3 do DB, com as seguintes especificações:

Em suas sedes de graduação:

Curso de Instrutores Bíblicos.

— Terá duração de dois anos letivos e o total de 96 créditos trimestrais ou seu equivalente, e oferecerá o título de Instrutor (a) Bíblico (a).

Certificado de Complementação Teológica. — Este curso será ministrado principalmente aos profissionais que tenham terminado uma carreira universitária de 4 anos ou mais e terá a duração normal de um ano letivo, com o total de 48 créditos trimestrais ou seu equivalente.

Bacharelato em Religião.

— Este curso terá a duração normal de 4 anos letivos e o total de 192 créditos trimestrais ou seu

equivalente. Não exigirá créditos na área de línguas bíblicas. Estenderá o título de Bacharel em Religião.

Professorado em Religião.

— Este curso terá a duração normal de 4 anos letivos e o total de 192 créditos trimestrais ou seu equivalente. Deverá ter as matérias pedagógicas requeridas para o professorado. Estenderá o título de Professor em Religião.

Licenciatura em Teologia.

— Este curso terá a duração normal de 4 anos letivos e o total de 192 créditos trimestrais ou seu equivalente. Requer o mínimo de 18 créditos trimestrais ou seu equivalente de Grego e 8 créditos trimestrais ou seu equivalente de Hebraico. Estenderá o título de Licenciado em Teologia.

Em suas Sedes com estudos de pós-graduação serão oferecidos os cursos mencionados no 18.1, mais os seguintes de pós-graduação:

Mestrado em Religião. — Este curso terá a duração de três trimestres e o total de 36 créditos trimestrais. Pode-se ingressar nele com os títulos de Professor em Religião, Licenciado em Teologia ou um equivalente a estes com 4 anos de duração. Como requisito de ingresso exige-se um exame de inglês que revele capacidade de leitura compreensiva e de escrita do idioma.

Mestrado em Teologia. — Este curso terá a duração de 4 trimestres com 48 créditos trimestrais e exige como requisito de ingresso a posse do título de Licenciado em Teologia e a aprovação num exame de leitura e escrita de inglês. Dentro dos 48 créditos se incluem os créditos de uma tese que é obrigatória. Os graduados deste curso poderão ingressar diretamente nos doutorados em Ministério e em Teologia da Universidade Andrews.

Doutorado em Ciências Religiosas. — Sua duração e número de créditos serão definidos oportunamente pela Mesa Administrativa do SALT.

P. *Quais serão os princípios teológicos mantidos pelo SALT?*

R. O SALT, como instituição de estudos superiores de Teologia, foi fundada pela DSA da Igreja Adventista do Sétimo Dia e pertence a ela. Portanto, sua filosofia assenta sobre a teologia e sobre os princípios sustentados pela IASD e mantém a idéia de Seminário em Missão.

Na Teologia, o SALT sustenta e ensina em forma conservadora a teologia da IASD, cujo resumo se encontra no Manual da Igreja, de maneira que reconhece a Bíblia como única fonte de revelação, da qual a IASD extraiu todas as verdades que expõe em sua teologia. Esta Igreja sempre reconheceu que "a Bíblia contém simples e completo sistema de teologia e filosofia" (EGW, *Conselhos aos Professores*, pág. 379), e que Deus "terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas" (EGW, *O Grande Conflito*, pág. 594).

O SALT reconhece e aceita o testemunho de Jesus (Apoc. 12:17), que é o Espírito de Profecia (Apoc. 19:10), como uma luz menor que guia para a luz maior (EGW, *Evangelismo*, pág. 257). Deste modo o Espírito de Profecia desempenhou uma parte importante na compreensão das Escrituras quando foram estabelecidas as doutrinas adventistas (EGW, *Mensagens Escolhidas*, livro 1, págs. 206-208) e a Igreja Adventista tem a certeza de que a ajudará a evitar erros teológicos até o fim dos tempos (EGW, *Idem*, pág. 48).

O SALT toma a Bíblia como é: a Palavra Inspirada, e crê em todas as declarações de uma Bíblia completa. Não aceita que alguém tenha autoridade para classificar dentro da Bíblia partes inspiradas e partes que não o são (EGW, *Idem*, pág. 17). Isto não significa que cada palavra da Bíblia tenha sido inspirada. A inspiração não ocorre nas palavras do homem, mas no próprio ho-

mem (EGW, *Idem*, pág. 21). A linguagem com que se transmite a revelação é humana, e, portanto, imperfeita. Toda vez que uma revelação do Deus infinito não alcança sua plena expressão, se entenderá que isto não se deve a um defeito de Deus, e, sim, à deficiência da linguagem humana com que é comunicada essa revelação (EGW, *Idem*, págs. 22 e 23).

O SALT cultivará o saber teológico como teologia bíblica que trata de compreender o conteúdo da Escritura Sagrada, 1) para conhecer e aceitar o plano da salvação, 2) para compreender a vontade de Deus e o dever do homem para com Ele, 3) para distinguir os passos de Deus na História, 4) para obter uma experiência de fé no Cordeiro que tira os pecados do mundo, 5) para cultivar um espírito de devoção por meio de correta maneira de orar, do exercício verdadeiro da fé que se aproxima de Deus, e da obediência aos ensinamentos do Espírito de Deus, e 6) para aceitar mais plenamente a missão que Cristo confiou a Sua Igreja (EGW, *Patriarcas e Profetas*, págs. 635 e 637).

O SALT não cultivará o saber teológico especulativo que organiza o conhecimento bíblico seguindo uma estrutura filosófica. Na interpretação bíblica, 1) não acrescentará nada às palavras de Cristo, 2) não dará significados forçados às declarações da Escritura, 3) a qual é santa (I S. Ped. 1:14 e 15), boa e, por isso, produtora de boas obras (I S. Pedro 2:2).

P. *Poderia explicar o conceito de Seminário em Missão?*

R. O SALT adota a filosofia de seminário em missão. Esta filosofia não concebe a Igreja como uma instituição humana, e, sim, como uma comunidade de crenças dirigidos pelo Espírito San-

to, os quais aceitaram a pregação do Evangelho como única missão sobre a Terra. Esta missão eles a receberam diretamente de Cristo (S. Mat. 28:19 e 20; S. João 20:21; Apoc. 14:6 e 7). Para o melhor cumprimento desta missão, a Igreja, desde os dias apostólicos, necessitou preparar ministros, obreiros ou pastores.

A IASD não se propõe a separar os professores da ação missionária em que ela se acha empenhada, com o objetivo de que se dediquem à preparação de pastores. Antes pretende que um grupo especializado de seus ministros (obreiros), enquanto trabalham diligentemente pela salvação dos homens, também preparem novos ministros. Este foi o estilo de educação seguido pelos apóstolos e por meio do qual os professores de Teologia (Paulo, Pedro) eram pastores do rebanho e/ou dirigentes da Igreja em geral. Este é também o conselho transmitido pelo Espírito de Profecia:

"Deve haver homens e mulheres habilitados a trabalhar nas igrejas e a preparar nossos jovens para ramos especiais de serviço, a fim de que as almas sejam levadas a ver a Jesus. As escolas estabelecidas por nós devem ter em vista este objetivo e não imitar o sistema das escolas denominacionais estabelecidas por outras igrejas ou o sistema de seminários e colégios do mundo." — *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 231.

Conseqüentemente, o principal trabalho do SALT não será a procura intelectual que pretenda dar soluções especulativas aos chamados problemas teológicos, e, sim, considerando-se parte da Igreja que está em permanente ação missionária, trabalhará constantemente, buscando a solução prática dos problemas que a Igreja encontre nessa ação. ■■

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

SET. OUT 81



NÚMERO 4